

# ECOS

da Companhia



VIDA ESPIRITUAL, DESAFIOS, ATUALIDADE, HISTÓRIA

BOLETIM BIMESTRAL DAS FILHAS DA CARIDADE  
DE SÃO VICENTE DE PAULO

140, RUE DU BAC – 75007 – PARIS

Diagramação:

SETOR DE DESIGN - PROVÍNCIA DE CURITIBA

Impressão:

ICQ GRÁFICA E EDITORA LTDA - CURITIBA/PR

MAIO

JUNHO

2021

Nº3



**A audácia  
da santidade  
para  
um novo elã  
missionário**

## **Sumário**

---

## **Vida espiritual**

---

- 130 Carta de 9 de maio de 2021  
Irmã Françoise Petit, Superiora geral
- 135 Rezar com São José  
Padre Patrick Griffin, cm

## **Nossa Senhora envolve todos nós**

Jesus estendeu a maternidade de Maria  
a toda a Igreja pouco antes de morrer na cruz.

A partir daquele momento,  
fomos todos colocados debaixo do seu manto,  
Nossa Senhora envolve todos nós;  
Maria está sempre presente à cabeceira  
dos seus filhos que deixam este mundo.

Se alguém se encontra sozinho e abandonado,  
ela é Mãe, está ali perto,  
tal como estava próxima do seu Filho  
quando todos o tinham abandonado.

Maria estava e está presente  
durante os dias da pandemia,  
perto das pessoas que,  
infelizmente, concluíram o seu caminho terreno  
numa condição de isolamento,  
sem o conforto da proximidade  
dos seus entes queridos.

Maria está sempre presente, ao nosso lado,  
com a sua ternura maternal.

Papa Francisco, Audiência de 24 de março de 2021

## **Atualidades das Províncias**

---

### **Designações e nomeações**

- 145 Designação das Visitadoras  
e nomeação dos Diretores provinciais

### **Testemunho das Irmãs**

- 147 Província do Peru  
Em Comunidade, nós nos abastecemos em vista da missão  
Irmãs da Província
- 153 Província del Caribe  
“Justiça e paz se abraçam” (SI 84, 11)  
Irmãs da Comunidade Nuestra Señora de la Providencia
- 157 Província da América Central  
A experiência de ser “Irmã”  
Irmãs da Comunidade do Lar “Medalha Milagrosa”
- 161 Província de Fortaleza  
Em pleno período de pandemia, viver bem nossas relações fraternas  
Irmãs da Comunidade do colégio “Imaculada Conceição”

## **História da Companhia**

---

- 163 Santa Elizabeth Ann Seton,  
A graça consoladora  
Irmã Betty Ann McNeil, Filha da Caridade
- 182 São Vicente de Paulo e São José  
Padre Bernard Koch, cm



## Carta de 9 de maio de 2021

Queridas Irmãs,

*A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco!*

### Vida Espiritual

Em 1870, São José foi declarado patrono da Igreja Universal. Encorajadas pelo nosso Papa Francisco, este ano celebramos com fervor o aniversário de 150 anos deste ato, e rezamos:

*“Fazei com que, a vosso exemplo, saibamos descobrir e aceitar a vontade de Deus sobre nós. Ajudai-nos a progredir na confiança, apesar das dificuldades e a unir nossa vida na contemplação e no serviço”* (Orações das Filhas da Caridade, p. 143).

Santa Luísa fez poucas evocações a São José, apenas quando se referiu à Sagrada Família: *“...honrar o não fazer do Filho de Deus, que, enquanto esteve na terra, nem sempre trabalhou com toda a extensão de seu poder. Assim nos dá a conhecer o tempo passado na casa de São José que, talvez, vós mesma tendeis admirado muitas vezes, antes de Nosso Senhor colocar-vos em estado de imitá-Lo”* (SL, C.704, p. 743, à Irmã Ana Hardemont, em Ussel, pelo ano de 1659).

No entanto, é possível reconhecer em Santa Luísa algumas virtudes que poderíamos comparar com as de São José, virtudes reveladas essencialmente no relato dos seus sonhos. Assim sendo, tentemos passar dos sonhos de São José à luz de Pentecostes.

*“José, seu esposo, sendo justo e não querendo denunciá-la, publicamente, resolveu repudiá-la em segredo. Enquanto assim decidia, eis que o Anjo do Senhor se manifestou a ele em sonho, dizendo: ‘José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua esposa, pois o que nela foi gerado vem do*

*Espírito Santo. Ela dará à luz um filho e tu o chamarás com o nome de Jesus, pois ele salvará o seu povo dos seus pecados”* (Mt 1, 19-21).

Santa Luísa, em 1623, interroga-se: “...caí num grande abatimento de espírito por causa da dúvida se deveria deixar meu marido, como o desejava insistentemente, a fim de reparar meu primeiro voto e ter mais liberdade para servir a Deus e ao próximo...No dia de Pentecostes, participando da Santa Missa ou fazendo oração na Igreja, de repente, fui esclarecida de minhas dúvidas e avisada de que deveria permanecer com meu marido e, tempo viria em que estaria em condições de fazer voto de pobreza, de castidade e obediência, numa pequena comunidade, com pessoas que fariam o mesmo...” (Luz de Pentecostes, SL, E.3, p.781).

A experiência espiritual de São José e de Santa Luísa têm sensivelmente a mesma trajetória: um projeto pessoal, um encontro com o Senhor, uma mudança de vida radical.

Para não prejudicar a reputação de Maria, José tinha planejado repudiá-la em segredo. Santa Luísa pensou em deixar o seu marido para servir a Deus e ao próximo. Ambos tinham boas intenções, porém, este não era o caminho que Deus tinha designado.

José “*ensina-nos que, no meio das tempestades da vida, não devemos ter medo de deixar a Deus o timão da nossa barca. Por vezes queremos controlar tudo, mas o olhar d’Ele vê sempre mais longe*” (Papa Francisco, Patris corde, nº2).

Todas nós experimentamos os imprevistos de Deus em relação aos nossos planos, às nossas boas ideias, às nossas escolhas. Eles nos inquietam, desestabilizam-nos, por vezes causam incompreensões. Mas, assim que nos colocamos simples e sinceramente diante do sacrário, quando concordamos sintonizar o nosso olhar com o de Deus e, portanto, em modificar os nossos pensamentos iniciais, um espaço interior se libera. Este ato de fé e de descentralização de si mesma possibilita avançar com o Senhor para águas mais profundas, livres das dúvidas, das amarguras ou de outros sentimentos que dificultam a nossa caminhada. O Senhor está presente ao nosso lado e nos conduz.

Este “sim” a Deus não faz desaparecer as dificuldades para realizar a missão confiada ou qualquer outra forma de mudança: lugares comunitários, etapas da vida, estado de saúde. Em várias ocasiões, José teve que abrir mão da sua vontade, das suas seguranças e, com a força daqueles que confiam na Palavra, ele escutou: “*Não tenhais medo*”, e sempre “*se levantava*” para ir onde Deus o enviava.

## Carta de 9 de maio de 2021

Foi assim que Santa Luísa agiu. Ela depositou a sua confiança em Deus, procurou constantemente a Sua vontade e demonstrou uma surpreendente audácia missionária. Visto que ela se ajustou ao desejo de Deus, e não ao seu próprio projeto inicial, todos os seus "sim" tornaram-na capaz de ousar sair de si mesma, de superar as suas fragilidades humanas e de relativizar as suas preocupações, voltando-se totalmente para os outros.

Ela igualmente atravessou dificuldades e, podemos imaginar quantas noites passou sem dormir! Porém, também "se levantava" sempre que um desafio a esperava, convidou as Irmãs a fazer o mesmo e, ainda hoje, nos convida: "*Demonos, frequentemente, a Deus para obter de Sua bondade essa generosidade de que necessitamos, para a glória de seus desígnios sobre a Companhia*" (SL, C. 717, p.759, à Irmã Margarida Chétif, 10 de janeiro de 1660).

Não será este um apelo para retomar com maior convicção a Palavra de Deus, para confiar mais em Deus e pôr de lado o que acreditamos possuir (forças, capacidade de dominar o tempo, obras, saúde, decisões)? Como São José e Santa Luísa, aceitemos dar às nossas certezas o seu devido lugar para melhor ouvirmos o Senhor. Talvez, hoje, Ele nos peça outra coisa? Ter um olhar diferencial?

Deus espera por nós, conhece os nossos projetos e os acolhe com bondade. Ouçamo-lo, porque Ele pode realizá-los de formas diferentes ou concretizá-los de outras maneiras. Dedicuemos tempo para nos questionar.

A Igreja nos propõe São José e Santa Luísa como dois modelos de santidade. Na Carta Apostólica *Patris corde*, o Papa Francisco, ao falar sobre os Santos, lembra-nos que suas vidas são "*uma prova concreta de que é possível viver o Evangelho*".

*É possível viver o Evangelho!* Esta frase é bastante encorajadora, no momento em que o mundo conhece o sofrimento, a perda de confiança no futuro e até mesmo nas pessoas! Muitas vezes sentimo-nos impotentes perante uma realidade que foge do nosso controle. São José e Santa Luísa mostram-nos que, através da sua humanidade, Deus permitiu que grandes coisas acontecessem. Entregaram-se a uma missão que, objetivamente, poderia excedê-los: José ao serviço da salvação, através do acompanhamento e proteção de Jesus e Maria; Santa Luísa ao serviço dos seus irmãos e irmãs sofredores, através da fundação da Companhia.

Nós contemplamos São José nos seus sonhos, contemplamos Santa Luísa no Pentecostes de 1623, ambos nos mostram o caminho da fé e da caridade, portanto, "*é possível viver o Evangelho*".

As Filhas da Caridade do mundo inteiro têm este desejo de viver o Evangelho e possuem o elã da caridade. Aqui estão mais algumas notícias que demonstram isto e nos estimulam a realizar o desígnio de Deus para a Companhia.

Atualmente, três Irmãs preparam-se para a missão Ad Gentes no Centro Internacional Missionário: uma Irmã do Vietnã, uma Irmã da Coreia do Sul (Província de Santa Luísa de Marillac-Ásia) e uma Irmã da Eslováquia. Uma ou duas outras deverão chegar em breve.

Irmã Neghesti Michaël, Conselheira geral, voltou da viagem que fez à Eritreia e Etiópia, após uma estadia muito maior do que a prevista, em decorrência da pandemia da Covid-19, que a deteve durante várias semanas nestas regiões, atualmente muito instável. Ela aproveitou para visitar duas Comunidades em Tigre, sendo que, duas outras eram inacessíveis pois, estão situadas na zona de conflito armado. Esta guerra tem sérias consequências para as duas Províncias. As Irmãs vivem com insegurança e se comprometem com a população que sofre com a falta de alimentação, de segurança e de alojamento.

O rapto de vários padres, religiosas e leigos no Haiti trouxe à luz o clima de violência que reina neste país. Vinte Filhas da Caridade, presentes em cinco comunidades, trabalham para ajudar o povo haitiano e aliviar o seu sofrimento. Rezemos para que elas mantenham a força e a coragem para continuar a missão, apesar da insegurança e do medo.

No dia 8 de março, por ocasião do Dia Internacional da Mulher, o Governo da Comunidade Autônoma de Madrid, Espanha, concedeu uma distinção às Filhas da Caridade de duas Províncias: Madrid - Santa Luísa e Madrid - San Vicente, em reconhecimento pelo seu engajamento nas obras sociais, atendendo à população mais vulnerável de Madrid e, com os doentes durante a pandemia. Este é um bom testemunho da generosidade e da criatividade do nosso carisma que ainda está muito vivo.

Em 11 de março, a Província Rosalie Rendu (Grã-Bretanha e Austrália) celebrou seu primeiro aniversário! Um encontro por videoconferência reuniu quase todas as Irmãs e elas puderam celebrar a Eucaristia, dar graças juntas, porém à distância, e tomar um chá! Para algumas, eram nove horas da manhã e, para outras, eram oito horas da noite.

Na Província do México, uma Comunidade foi aberta recentemente em Ensenada - Baja Califórnia. Três Irmãs estão ao serviço dos migrantes e das pessoas desabrigadas. *“El albergue San Vicente, un oasis para el migrante”*. Foi assim que as pessoas nomearam este centro: “o albergue São Vicente, um oásis para os migrantes”.

## Carta de 9 de maio de 2021

A pandemia da Covid-19 permanece uma preocupação constante para a Companhia. Cada Província se vê confrontada com a urgência. Um exemplo da Província de Curitiba - Brasil, nos foi relatado pelas Irmãs: *“Nosso hospital atingiu a sua capacidade máxima e tivemos que acrescentar mais dez leitos na unidade de terapia intensiva. Equipados graças à solidariedade das pessoas. Depois, tivemos que transformar dez leitos do serviço de emergência em leitos de terapia intensiva... As Irmãs levam apoio e reconforto às famílias”*.

Desde 1º de janeiro, várias Irmãs em plena atividade foram contaminadas e faleceram de maneira brutal. Continuemos a rezar pelas Províncias que passam por esta provação e devem enfrentar a dor da perda de uma Irmã e as suas consequências nos diferentes lugares de missão. Neste 28 de abril, faleceu a Irmã Zaida, Irmã jovem do Peru, com 39 anos de idade e 9 anos de vocação. Ela estava engajada com os jovens e foi conselheira nacional da JMV. Rezemos pela sua Comunidade e Província.

Podemos igualmente confiar as famílias das Irmãs que também foram bastante afetadas. Algumas perderam vários familiares: pais, irmãos, sobrinhos. O sofrimento é grande. Rezemos umas pelas outras.

Certamente, Santa Luísa nos convidaria a intensificar a comunhão entre nós para nos apoiarmos, para permanecermos vigilantes, para servir, rezar e, sobretudo, para mantermos a esperança. Com Santa Luísa, concluamos este curto momento que passamos juntas: *“...nestes tempos de aflição... todas as nossas Irmãs... puderam continuar o serviço dos Pobres doentes e também dos que não tinham pão, pois não podeis fazer uma ideia da quantidade de esmolas distribuídas em Paris. Creio ter sido isso que atraiu a misericórdia de Deus sobre nós, para dar-nos a paz”* (SL, C.280, p.320, à Irmã Joana Lepintre, 6 de abril de 1649).

Feliz festa de Santa Luísa de Marillac! Que, por sua intercessão, a Virgem Maria e São José nos acompanhem e nos ajudem a realizar o desígnio de Deus sobre a Companhia.

Afetuosamente e com a certeza da minha oração,

Irmã Françoise Petit

*Filha da Caridade*

## Rezar com São José

Neste ano dedicado a São José, todos nós vimos e fizemos orações que celebram o Pai adotivo do Senhor. No final da Carta apostólica, *Patris Corde*, que suscitou um atual interesse por José, encontra-se uma oração escrita pelo Papa Francisco:

*Salve, guardião do Redentor  
e esposo da Virgem Maria!  
A vós, Deus confiou o seu Filho;  
em vós, Maria depositou a sua confiança;  
convosco, Cristo tornou-Se homem.*

*Ó Bem-aventurado José,  
mostrai-vos pai também para nós,  
e guiai-nos no caminho da vida.  
Alcançai-nos graça, misericórdia e coragem,  
e defendei-nos de todo o mal. Amém.*

O reconhecimento da santidade de São José e o pedido da sua intercessão alegra o coração dos cristãos.

Os Evangelhos não nos transmitem nenhuma oração expressa ou escrita por São José. Maria partilhou conosco seu Magnificat, porém, José permaneceu silencioso, como de costume. No entanto, podemos dizer com certeza que a oração de São José foi alimentada pelos Salmos.

Há mais de 2.000 anos, os salmos ocupam um lugar central na celebração cristã (para nossos irmãos judeus, podemos acrescentar mil anos a mais). Todo discípulo primitivo de Jesus rezou os salmos a fim de voltar-se para Deus, dia após dia. Além disso, o próprio Jesus mostrou-nos o conhecimento que tinha sobre estas orações milenares de Israel. É possível imaginar que a Sagrada Família estava unida em espírito e alma para proclamar estas palavras que expressavam e fortaleciam a sua fé. Logo, se desejamos rezar com São José, podemos fazer com confiança através dos salmos.

## Rezar com São José

Este ano, rezando os salmos, meditei particularmente sobre a maneira como este santo homem internalizava estas palavras, ela orientou meus pensamentos e minhas resoluções. Lembro-me, sobretudo, de cinco salmos que José certamente rezou e como eles puderam ressoar em sua vida. Rezo-os em comunhão com José, este modelo de fé, isto toca meu coração vicentino porque, para todos os membros da Família Vicentina, os salmos são fundamentais para a vida de oração.

### **Salmo 1: “o justo”**

Este salmo abre o saltério e permite-nos destacar a importância da meditação e da reflexão. Ele desempenha um papel privilegiado na medida em que guia todo o saltério, tal como o Salmo 150 que mostra sua destinação. O primeiro versículo descreve o que o justo não faz, e depois o salmo continua:

*“Mas [o justo] encontra seu prazer na lei de Deus \*  
e a medita, dia e noite, sem cessar”* (Sl 1, 2).

A “lei do Senhor” exige nossa atenção. Aqui a “lei” não faz referência a um código escrito, mas a vontade de Deus, aquela que Ele deseja para a humanidade. Esta “lei” tem uma “vida” dinâmica e concreta. O justo se compraz no caminho do Senhor e sussurra ou medita os ensinamentos de Deus “dia e noite”, ou seja, constante e fielmente, porque isto abrange toda a sua vida. Descobrir e seguir a vontade de Deus, para José tem uma importante finalidade no seu pensar e agir. Na exortação apostólica “*Redemptoris Custos*” sobre José (§ 25), São João Paulo II escreveu: “*Os Evangelhos... permitem-nos auscultar nas suas “ações”, envolvidas pelo silêncio, um clima de profunda contemplação*”. José foi um homem de meditação, os salmos fundamentam e contribuem para esta atitude. O primeiro salmo nos oferece esta tonalidade.

Como podemos aplicar os primeiros versículos do salmo a José? É possível perceber como ele os colocou em prática na sua “anúnciação”?

*“A origem de Jesus, o Messias, foi assim: Maria, sua mãe, estava prometida em casamento a José, e antes de viverem juntos, ela ficou grávida pela ação do Espírito Santo. José seu marido era justo. Não queria denunciar Maria, e pensava em deixá-la, sem ninguém saber”* (Mt 1, 18-19).

José conhecia e respeitava a lei de seu povo, acreditava que ela expressava um ensinamento de Deus. No entanto, ele estava também consciente de que a lei não podia ser interpretada de modo que prejudicasse as pessoas, ele escolheu ser compassivo com Maria, sua amada. Sua meditação sobre a lei levava-o a este caminho. Sua resposta estava em harmonia com o

ensinamento do Papa Francisco que coloca a pessoa acima da lei, sem negar a importância do princípio. Na *Patris Corde*, nº 4, ele expressou: “*A nobreza do seu coração fá-lo subordinar à caridade aquilo que aprendera com a lei*”.

O Salmo 1 continua:

*“Ele é semelhante a uma árvore que à beira da torrente está plantada;  
ela sempre dá seus frutos a seu tempo,  
e jamais as suas folhas vão murchar.  
Eis que tudo o que ele faz vai prosperar”* (Sl 1, 3).

Este salmo descreve uma árvore bem enraizada que busca a sua força no Senhor. A árvore dá frutos aos famintos, suas folhas e seus ramos oferecem sombra e regeneração, a madeira para construir e aquecer.

Podemos imaginar José como uma pessoa plena de graça que se deleita na lei e a *estuda com fidelidade*. *Uma tal pessoa que se ergue como uma árvore, que oferece ao seu povo uma presença portadora de vida*. Esta pessoa é sólida, bem enraizada e, mantém-se firme. Aqui está o nosso José.

O salmo 1, abre o saltério e prepara o terreno para o ensinamento que virá em seguida: buscar em primeiro lugar a vontade de Deus, regozijar-se no espírito de sua lei, *ser* uma bênção para si mesmo e para toda a comunidade. Assim que José descobriu a vontade de Deus, ele respondeu com fidelidade e sem reserva, seu amor e respeito pela lei não oscilaram e guiaram sua vida. Ele compartilhou esta característica com Jesus, que afirmou: “*não será omitido nem um só i, uma só vírgula da lei, sem que tudo seja realizado*” (Mt 5, 18).

Podemos afirmar que José rezou este salmo. Suponhamos que ele tenha pedido ao Senhor a graça de *estar atento* ao seu ensinamento e a perseverança para *ser uma “árvore” abençoada, sólida*, que produza frutos para os outros. Sabemos que a sua oração foi atendida.

Começemos a nossa oração em companhia de José, com o desejo de buscar e de meditar os caminhos do Senhor, que se manifesta através da Palavra de Deus, da Igreja e dos acontecimentos. Com José, procuremos as respostas certas enquanto tentamos discernir o que Deus espera de nós. Sejamos fonte de sustento, de cura e de consolação para os nossos irmãos e irmãs.

### **Salmo 136: “Ter saudade da pátria”**

Em 587 a.C., os babilônios tinham destruído o templo de Jerusalém e levado a maioria do povo de Israel em cativo para um país estrangeiro,

## Rezar com São José

retirando-os da terra dos seus antepassados. O salmo 136 expressa os sentimentos destas pessoas exiladas:

*"Junto aos rios da Babilônia  
nos sentávamos chorando,  
com saudades de Sião" (Sl 136, 1).*

Estas pessoas exiladas deixaram-se levar pelas suas desolações diante da *separação das suas casas, mais sobretudo, do coração da fé dos seus antepassados*. Fizeram o propósito de nunca esquecer de onde vieram e a quem pertenciam.

*"Se de ti, Jerusalém, algum dia eu me esquecer,  
que resseque a minha mão!  
Que se cole a minha língua e se prenda ao céu da boca,  
se de ti não me lembrar!  
Se não for Jerusalém,  
minha grande alegria" (Sl 136, 5-6).*

Aproximadamente 500 anos depois, Maria e José, com o menino Jesus nos braços, fogem para o Egito a fim de escapar da ira de Herodes. Podemos ouvir Maria, unindo a sua voz a de José, para cantar este salmo com um profundo e particular fervor.

O fato de lembrarem de Jerusalém com o seu Templo sagrado e com sua rica história encorajava José e Maria no seu exílio e ajudava-os a viver na fidelidade a este Deus que intervém em favor do seu povo. A cidade da morada de Deus e da sua *revelação* nunca desaparecerá dos seus corações. (Após o seu regresso, eles farão todos os anos uma peregrinação a Jerusalém (cf. Lc 2, 41).) Graças a este salmo e a recordação da libertação do povo escolhido no exílio da Babilônia, José e Maria encontraram consolação no cuidado que Deus teve com seus antepassados ao permitir-lhes regressar à pátria. Eles acreditavam que Deus faria o mesmo por eles. *O Evangelista Mateus sublinha a relação com o Êxodo, através da repetição em Oséias 11, 1: "Do Egito chamei o meu Filho" (Mt 2, 15).*

Na Anunciação o anjo Gabriel se apresenta a Maria com esta saudação: *"alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo" (Lc 1, 28)* ressaltando assim, a fé de Maria. Na narrativa de sua *"anunciação"* José foi primeiramente chamado de *"um homem justo" (Mt 1, 19)*, logo em seguida, o anjo lhe apareceu em sonho, e o saudou: *"José, filho de Davi" (Mt 1, 20)*, uma

maneira de evidenciar a sua descendência e o seu compromisso de seguir a lei que o Senhor tinha dado ao seu povo. José e Maria dedicavam-se com fervor ao seu Deus e a sua herança religiosa.

As palavras do salmo 136 foram de grande reconforto para José, imaginemo-lo no Egito, o seu esforço para proteger e atender às necessidades da sua família. Quando José e Maria meditavam a história do seu povo, este salmo tinha para eles um sentido bem particular: *sim*, o Senhor reconduz o seu povo à sua pátria, ele é o sustentáculo e a força na espera. José e Maria estavam unidos na resolução de nunca esquecer a presença de Deus entre o seu povo.

Quando rezamos este salmo com José, podemos pensar nos lugares e nos ritos que constituem o “país” da nossa fé. Podemos nos perguntar: Será que nos afastamos das experiências que fundamentam as nossas convicções? *Embora não vivamos em um país estrangeiro*, onde se fala uma língua estrangeira, pode ser que vivamos entre um povo que fala uma língua estrangeira ao Evangelho. Devemos ter a saudade da nossa pátria para a ela retornar. Sentimos a força destas palavras ao rezá-las com São José, por nós mesmos e por todos aqueles que queremos bem.

### **Salmo 126: “Construir uma casa”**

Gosto de me aproximar da pessoa de José com a realidade da construção de uma casa. É evidente que, na sua época e no seu país, a pedra e o barro constituíam os materiais básicos para a construção. É claro que José tinha algumas habilidades profissionais, portanto, a imagem da edificação de uma casa pode ser colocada em paralelo com a construção de um lar, que também requer competências. Ele bem sabia que, para construir uma casa ou um lar era preciso a força e a orientação do Senhor.

O povo de Israel rezava certos salmos em momentos específicos, por exemplo, os hinos graduais, também chamados de canções das subidas que são um conjunto de quinze salmos. Os Salmos 119 a 133 foram criados para serem cantados em peregrinações à Cidade Santa de Jerusalém. Estes hinos constituem um caminho de oração e meditação baseados nas lições espirituais dos reis David e Salomão.

Refleti sobre o entusiasmo que José devia sentir quando rezava com a sua família o Salmo 126.

*"Se o Senhor não contruir a nossa casa, em vão trabalharão seus construtores.*

## Rezar com São José

se o Senhor não vigiar nossa cidade, em vão vigiarão as sentinelas!  
"É Inútil levantar de madrugada, ou à noite retardar vosso repouso,  
para ganhar o pão sofrido do trabalho,  
*que a seus amados Deus concede enquanto dormem*" (Sl 126, 1-2).

Esta última frase me fala de José: ele conhecia esta verdade pela experiência: "*que a seus amados Deus concede enquanto dormem*". O Evangelho de São Mateus mostra sua maneira de discernir a vontade de Deus através dos sonhos (Mt 1, 20-24; 2, 13, 19-20, 22). José pode testemunhar a sua capacidade de receber os conselhos do Senhor em uma intimidade silenciosa. A pessoa de fé, sabe reconhecer as múltiplas maneiras, pelas quais Deus escolhe comunicar sua vontade.

A afirmação do Salmista: "*que a seus amados Deus concede enquanto dormem*" baseia-se numa dependência do Senhor. Quando uma comunidade de fé constrói uma casa, o Senhor trabalha com ela. Sua presença permite que os trabalhadores tenham sucesso, graças à confiança Nele. [Pensemos na casa construída sobre a rocha (Mt 7, 24-27)]. Quando o povo tem confiança em Deus, ele vive com segurança e com esperança. Tudo o que Israel empreende é com o amor e o zelo do Senhor. É o significado do Santo nome de (Yahvé) "Deus está presente". Todo esforço humano no desenvolvimento da fé não tem resultado sem o auxílio divino.

Jesus fala desta confiança no Senhor (Mt 7, 11; Lc 12, 22-34) e da inutilidade da excessiva preocupação (Lc 12, 25; Jo 15, 5). Imagine Jesus a caminho de Jerusalém com Maria e José rezando juntos o salmo 126. Talvez, José e Maria partilhassem com Jesus as aspirações e sonhos que tinham para a sua família, explicando-lhe o significado e a relevância deste salmo para as suas vidas. Algum tempo depois, quando Jesus vai para a Cidade santa com os seus discípulos, provavelmente tenha rezado e partilhado com eles. Em todo caso, é certo que o artesão José encontrou nesta oração o convite para depender do Senhor na missão que lhe é própria, e hoje, ele nos encoraja no mesmo sentido quando rezamos este salmo com ele.

### **Salmo 26: "Habitar no santuário do senhor"**

Um dos versículos do salmo 26 me chama atenção na oração dos salmos com São José:

*"Ao Senhor eu peço apenas uma coisa,  
e é só isto que desejo:*

*habitar no santuário do Senhor,  
por toda a minha vida,  
saborear a suavidade do Senhor  
e contemplá-lo no seu templo” (Sl 26, 4).*

Como São José rezava e meditava este salmo? Ele conhecia o que o anjo tinha dito a respeito de Jesus. Sem dúvida, ele conversou várias vezes com Maria sobre este assunto. Embora, nenhuma mente humana possa assimilar toda a verdade sobre Jesus, José sabia que, misteriosamente, o Santo dos Santos estava presente na sua casa.

- José “*habita no santuário do Senhor*” todos os dias da sua vida com Jesus e Maria.

- Ele “*saboreia a suavidade do Senhor*” a cada dia.

- Ele “*contempla-o no seu templo*” cada vez que fala, caminha ou senta-se com Jesus.

Inevitavelmente, José rejubila-se com a verdade e o cumprimento deste salmo na sua vida. Ele viu a realização do que lhe foi pedido.

Tive a felicidade de viver durante vários anos em diferentes cidades do mundo: Nova Iorque (a minha cidade natal), Washington, Roma e Paris. Em cada uma dessas cidades maravilhosas, houve lugares que me chamaram atenção e me fascinaram. Compreendo porque são tão populares entre os turistas. Estes lugares que descobri, no início me impressionaram, mas pouco a pouco tornaram-se familiares para mim e até passava por eles sem observá-los. (Hoje, gostaria de revê-los!) O que é verdade para a arquitetura, é também verdade para as pessoas. Quando estou acostumado a ver e a escutar as pessoas, chego a um ponto em que já não lhes dou mais a atenção que merecem. Nisto, reconheço o meu erro e a minha culpa. Por isso, penso que talvez seja preferível que eu não veja meus sobrinhos-netos frequentemente, como gostaria, porque quando os vejo, fico sempre fascinado pela sua beleza e isto lhes interessa, a minha atenção é capturada durante horas.

Assim, me questiono: Como Maria e José *viveram esta realidade de estar com Jesus todos os dias*? Como eles apreciaram a graça de viver com Jesus e amá-Lo? Até que ponto isto foi comum (no bom sentido), para eles? (Será, que nas bodas de Caná, o pedido de Maria não manifestaria então a confiança de uma mãe que espera da parte do seu filho, a atenção para aquilo que ela lhe diz? (cf. Jo 2, 3-5)). Estou convencido de que o salmo 26 fez parte *cotidiana* da oração de José e de Maria. Ambos viveram esta esperança e louvaram ao Senhor pelo o que Ele havia feito em suas vidas.

## Rezar com São José

A maneira de rezar de José a partir deste salmo pode encorajar-nos a *entrar intensamente* na relação com o Senhor e permitir que Ele habite em nós, não somente quando estamos na Igreja, mas, viver na presença de Deus que nos alegra com a beleza da criação e das pessoas. Nossas Comunidades podem tornar-se lugares privilegiados de sua presença; as pessoas com as quais trabalhamos e servimos são também, para nós, apelos para conhecer a presença de Deus no meio de nós. O salmo 26 nos chama atenção sobre o desejo fundamental de viver na presença do Senhor. Isto pode realizar-se quando abrimos os olhos, os ouvidos, as mãos e o coração. José sabia disso e o viveu.

### **Salmo 94: “Oxalá ouvísseis hoje a voz do senhor”?**

Um dos meus ensinamentos preferidos e o qual tinha mais necessidade, encontra-se no salmo 94. O salmo começa com um grande convite ao louvor:

“Vinde, exultemos de alegria no Senhor,  
aclamemos o Rochedo que nos salva!  
Ao seu encontro caminhemos com louvores,  
*e com cantos de alegria o celebremos!*” (Sl 94, 1-2).

Os versículos seguintes convidam o povo a entrar na presença de Deus, tanto no sentido literal, como no sentido figurado para adorar e exaltar o Criador. O povo proclama a razão do seu júbilo:

“*Porque ele é o nosso Deus, nosso Pastor,  
e nós somos o seu povo e seu rebanho,  
as ovelhas que conduz com sua mão*” (Sl 94, 7a).

Aqui está uma frase, que particularmente, chama a minha atenção:

“***Oxalá ouvísseis hoje a sua voz?  
não fecheis os corações...***” (Sl 94, 7b-8a).

Para mim estas linhas são como “uma faca de dois gumes”, pois, não basta apenas escutar a Palavra, mas, é preciso não lhe fazer resistência. Neste ano dedicado a São José, este apelo é ainda mais forte e pertinente.

A primeira parte “*oxalá ouvísseis hoje a sua voz*” é seguida da imagem do Pastor e das ovelhas. Jesus usará esta imagem para descrever seus discípulos: “*eles são aqueles que escutam a voz do seu pastor*” (cf. Jo 10, 3-5). A segunda parte “*não fecheis os corações*” recorda o tempo em que no deserto o povo de Israel colocou o Senhor a prova (Ex 17, 7). Isto

é mencionado nos versículos seguintes. Jesus acentuará repetidamente a “*dureza de coração*” dos seus ouvintes (Mc 3, 5; 10, 5; Mt 13, 15 ; 19, 8) e dos seus discípulos (Mc 6, 51-52 ; 8, 17).

No Evangelho segundo São Mateus, José ouviu a voz de Deus, quatro vezes seguidas, através da mensagem de um anjo e, a cada vez, José abria o coração e respondia imediatamente (Mt 1, 20-21. 24; 2, 13-14; 2, 19-21; 2, 22-23). Durante a primeira narração, o respeito que José tinha pela lei o conduz a uma difícil decisão em relação a Maria. Mas, quando descobre a vontade de Deus, ele não fecha o seu coração e não se apega a sua ideia; *na obediência, responde com prontidão*, e, sem tardar leva Maria para a sua casa de uma vez por todas. Sua profunda docilidade é evidente.

Não é difícil imaginar José meditando o salmo 94, tanto antes como depois da *revelação* do seu especial papel no plano de Deus.

No entanto, José escutou a voz de Deus de uma outra maneira. Ele estava atento à Palavra divina comunicada em sonho por um ser celeste e, depois a ouviu, expressada pelo próprio Menino Jesus. Cada palavra, cada ação de Jesus trazia a voz de Deus, ele é “*o Verbo feito carne*”. José escutava Deus rir, chorar, contar histórias e pedir ajuda. Quando Jesus estava em seus braços, ele escutava Deus expressando seu amor. Quantas vezes José com Jesus, na sua missão de pai, ouvia de maneira única a voz de Deus! A cada manhã e a cada noite, o salmo 94 deveria ajudá-lo a refletir sobre a *importância* do “hoje”.

A capacidade de José em responder a voz de Deus ressoa com força. Os pais podem refletir sobre a maneira como Deus lhes fala através dos seus filhos e sobre a maneira que esta palavra os convida a amar e a serem virtuosos. Para nós também, as pessoas as quais servimos transmitem a voz de Deus de diversas formas e muitas vezes exigente.

Podemos nos questionar sobre a nossa maneira de escutar e proclamar o Evangelho e fazer um exame de consciência sobre a dureza do nosso coração.

Hoje, façamos nossas as palavras do salmista e peçamos a intercessão de São José para responder-lhe com fidelidade:

*Oxalá, eu ouvisse hoje a sua voz?*

*Não me deixeis fechar o coração...*

## CONCLUSÃO

Esta última meditação sobre os salmos na vida de José, lembra-me um conselho de São Vicente sobre a importância de rezá-los. Ele dizia a seus coirmãos e, portanto, também às Irmãs e a todos os membros da Família Vicentina:

*“Como isto (a oração do ofício) é um dos meios mais importantes para nossa santificação, dar-nos-emos a Deus para praticá-lo. Hodie si vocem ejus audieritis (hoje, se ouvirdes sua voz). Já que ouvís a voz de Deus batendo à porta de vossos corações, que é uso de toda Companhia recitar o ofício em comum, demos a ele desde agora para testemunhar-lhe o desejo que temos de lhe prestar essa honra. Hodie si vocem ejus audieritis (hoje, se ouvirdes sua voz). Não adiemos mais. Lembremo-nos de ter isso in capite, in spiritu (na mente, no espírito), que o eclesiástico é obrigado a celebrar os louvores de Deus” (SV XII, 344).*

A celebração deste ano dedicado a São José é uma graça para a comunidade cristã. Existe uma multiplicidade de orações, livros, conferências, homilias para honrar e destacar este homem bom e santo. Os dois outros membros da Sangrada Família sem dúvida, ficariam surpreendidos ao saber que nas nossas vidas, José tem um lugar importante como o tinha na deles.

Estamos convencidos de que José era um homem de oração e que os salmos faziam parte da sua adoração e meditação. Através da participação nestas expressões da nossa herança judaico-cristã, unimo-nos a José para nos apropriar delas como caminho de discernimento da vontade de Deus.

Padre Patrick Griffin, CM.

## Designação das Visitadoras e nomeação dos Diretores provinciais



### DESIGNAÇÃO DAS VISITADORAS

### Atualidades da Província

PROVÍNCIA DO EQUADOR: Irmã Ana Maria MALDONADO AGUILAR foi novamente designada Visitadora, em 23 de dezembro de 2020.

PROVÍNCIA DO CONGO: Irmã Brigitte LIYOMBI MBOLI LOSAMBE foi designada Visitadora, em 6 de janeiro de 2021.

PROVÍNCIA DA ÍNDIA DO SUL: Irmã Rose CHIRAYIL foi novamente designada Visitadora, em 6 de janeiro de 2021.

PROVÍNCIA DO RECIFE: Irmã Patrícia Regina Calaça de ALMEIDA foi designada Visitadora, em 20 de janeiro de 2021.

PROVÍNCIA DA INDONÉSIA: Irmã Luísa Kristiana INDRAYANTI foi novamente designada Visitadora, em 20 de janeiro de 2021.

PROVÍNCIA DO PERU: Irmã Rosmery MORENO VERA foi designada Visitadora, em 17 de fevereiro de 2021.

### Designação e nomeação

PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO: Irmã Selma Aparecida dos SANTOS foi designada Visitadora, em 17 de março de 2021.

PROVÍNCIA DE CALI: Irmã Gloria Cecília SALAZAR BOTERO foi designada Visitadora, em 31 de março de 2021.

### **NOMEAÇÃO DOS DIRETORES PROVINCIAIS**

PROVÍNCIA DO CONGO: Padre Jean Rufin Nkee MOKELO-MO-EYALI foi nomeado Diretor provincial por três anos, em 19 de janeiro de 2021.

PROVÍNCIA DA ESLOVÁQUIA: Padre Jozef MROCEK foi nomeado Diretor provincial por seis anos, em 26 de fevereiro de 2021.

PROVÍNCIA DE MADAGASCAR: Padre Césaire RANDRIANANTENAINA foi nomeado Diretor provincial por seis anos, em 30 de março de 2021.

PROVÍNCIA DA INDONÉSIA: Padre Willibrordus MURDANI foi renomeado Diretor provincial por três anos, em 16 de abril de 2021.

PROVÍNCIA DE COLÔNIA-PAÍSES BAIXOS: Padre Mathieu Van KNIPPENBERG foi renomeado Vice-Diretor provincial por três anos, em 7 de maio de 2021.

PROVÍNCIA DE SANTA ELIZABETH ANN SETON: Padre Bernard QUINN foi renomeado Diretor provincial por três anos, em 7 de maio de 2021.

## Província do Peru

# Em Comunidade, nós nos abastecemos em vista da missão (cf. C. 9)

O Peru é um país da América do Sul que abrange uma parte da floresta amazônica e onde também se encontra a antiga cidade Inca chamada Machu Picchu, situada nos Andes, além disso, o país possui muitas outras qualidades. Este país cheio de contrastes é o terceiro no mundo pela sua biodiversidade. Ele está dividido em três regiões geográficas e climáticas que oferecem uma grande variedade de paisagens, muitas vezes impressionantes. Apesar dos preciosos recursos naturais, incluindo minerais raros, a pobreza continua elevada. Dos 28 milhões de habitantes, quase dois milhões de crianças entre 6 e 17 anos de idade trabalham em fazendas, como empregados domésticos, catadores de lixo, etc.

As pessoas são simples e acolhedoras. A Província das Filhas da Caridade conta com 122 Irmãs presentes em 21 Comunidades e um Anexo, situadas tanto ao longo de toda a costa marítima como também na montanha ou na floresta.

Com toda simplicidade, compartilhamos aqui a experiência das Irmãs de duas Comunidades locais: uma situada no centro da capital-Lima, “*O Centro Pastoral Virgem de Lourdes*” e o Anexo da Casa Provincial “*Centro Missionário São Vicente de Paulo*”, situado na província geográfica de Purus, uma zona rural pouco povoada, cujo acesso é muito difícil, realizado somente a cavalo pela floresta peruana, entre as Cordilheiras dos Andes e a floresta húmida da Amazônia.

## A Comunidade do “Centro Pastoral Virgem de Lourdes”

*“O clamor dos pobres é mais forte que os nossos temores”*

Em pleno coração da capital, o “Centro pastoral Virgem de Lourdes” constitui um oásis em meio a efervescência do trânsito e da vida agitada da cidade. Este pequeno santuário da “Virgem de Lourdes” data de 1858, ano da chegada das primeiras Irmãs no Peru.

Atualmente, a Comunidade conta com quatro Irmãs. Nós asseguramos vários serviços em colaboração com a Família Vicentina e instituições governamentais e privadas.

A pandemia mostrou-nos quão vulneráveis podemos ser e, ao mesmo tempo, convida-nos a sair de nós mesmas para responder às novas necessidades dos pobres. No início desta pandemia, estávamos cheias de incertezas: ficar em casa, cuidar de nós mesmas ou atrevermo-nos a sair e correr riscos. Escolhemos esta última opção porque o clamor dos pobres foi maior que os nossos temores e ouvimos o chamado do Senhor para sermos “servas”. Este compromisso não teria sido possível sem recorrer à fonte da oração. Confiantes na Providência Divina, poderíamos tentar levar um pouco de vida apesar dos riscos de contaminação, pois hoje, temos a responsabilidade de atualizar o maravilhoso carisma do qual somos herdeiras. Este tempo de pandemia permitiu-nos também renovar a vida comunitária, conhecermo-nos melhor, porque vivemos os nossos dias com maior intensidade apreciando-nos e apoiando-nos mutualmente em vista da construção do Reino de Deus.

O positivo, nesta situação de pandemia, é que ela despertou muita solidariedade. As pessoas, conhecidas e desconhecidas ajudaram-nos generosamente a manter o restaurante social, um sinal da Providência Divina.

Após ter lido o testemunho da Irmã Gabriella Borgarino nos Ecos da Companhia, cujo amor e a confiança na Divina Providência nós conhecemos, passamos a rezar com frequência, ao longo de todo o dia esta curta oração: “**Providência Divina do Coração de Jesus: providenciai**”. Foi possível constatar como Deus sempre vem ao nosso socorro para que possamos continuar a servir nossos irmãos migrantes, os idosos e os sem-teto. Aqui estão algumas expressões dos nossos irmãos, os pobres! Um homem de 82 anos de idade expressou: “*Obrigado por nos fazer sentir como gente*”. Uma mulher migrante disse: “*Muito obrigada, aqui no Peru, vocês são a nossa família*”.

Queremos que este lugar, onde a “Virgem de Lourdes” é venerada, seja sempre um oásis de paz e de esperança para os nossos irmãos; que na Igreja, eles possam se sentir em casa e à vontade. O desafio consiste em manifestar sempre o rosto de uma Igreja próxima, misericordiosa e serviçal, que viva a dinâmica do Ephata levando em consideração todo tipo de pobreza.

Apresentamos aqui o testemunho de reabilitação de um dos nossos irmãos pobres que é um verdadeiro motivo de alegria, de esperança e de encontro.

Luís Alberto Arca Rojas, mais conhecido por Juan, morador de rua, tornou-se um irmão muito próximo das Irmãs do Centro Pastoral "Virgem de Lourdes". Juan tinha uma deficiência neurológica e perambulava pelas ruas frias de Lima, parecia que a sua vida terminaria ali. Mas, Deus nos permitiu salvá-lo da imensa indiferença que aflige a nossa sociedade. Várias vezes tentamos ajudar Juan a sair das ruas, porém, ele dizia que a escolha era dele e sempre se recusou. Um dia concordou em mudar o seu estilo de vida; infelizmente, não durou muito e logo regressou às ruas.

Durante o período de confinamento obrigatório, um homem bateu à porta para nos pedir um casaco e uma muda de roupa para Juan. Agradecemos ao homem pela sua solidariedade e alguns dias depois, ele voltou a nossa casa e disse-nos que se chamava Álvaro e que Juan era o seu irmão biológico. Ele já havia tentado ajudá-lo outras vezes convidando-o para morar em sua casa, entretanto, Juan não aceitou, pois ao que parece, nunca se adaptou à sua família.

O encontro com Álvaro motivou-nos a fazer todo o possível para reinserir Juan na sociedade. Após duas tentativas infrutíferas, Juan finalmente mudou de ideia. Algum tempo depois, Álvaro encontrou um lar para pessoas com problemas de saúde. Pediu-nos para falarmos com Juan sobre o assunto o qual mostrou-se receptivo à proposta. Graças à ajuda de Álvaro e ao apoio da Comunidade, Juan reside atualmente em um estabelecimento com boas instalações e dignidade. Claro que ainda há muito o que fazer, mas é gratificante saber que estamos trabalhando com outros na construção do Reino de Deus. Isto exige que nos mantenhamos numa atitude acolhedora para discernir os apelos de Deus, interpretá-los e nos esforçarmos para responder às necessidades dos pobres.

Somos gratas a Deus por nos acompanhar todos os dias, especialmente durante este tempo de pandemia, por nos dar a fé para vivermos com grande confiança no seu Amor e reconhecer a sua presença ativa nos corações, nas vidas das pessoas e nos acontecimentos. Hoje em dia,

## Testemunho das Irmãs

as restrições sanitárias são menos severas, mas devemos continuar sempre abertas aos novos apelos e ousar tomar novas iniciativas. Como diz o Papa Francisco: “*prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças*” (Evangelii gaudium, 49).

### **“Centro Pastoral São Vicente de Paulo” na região de Ucayali**

*Viver uma missão sem fronteiras*

O “Centro Pastoral São Vicente de Paulo” está localizado no leste do Peru, no departamento de Ucayali. O Centro é mais conhecido como “Misión Purús”, devido ao Rio Purus, que é um afluente do Amazonas e que atravessa o seu território de norte a sul. O departamento de Ucayali, que é uma das 24 regiões do Peru, está dividido em 4 províncias: Atalaya, Coronel Portillo, Padre Abad e Purus.

Foi a pedido do Vigário de Puerto Maldonado que em 2018 iniciamos a missão na remota província de Purus. Somos quatro Irmãs e vivemos há um ano numa casa muito simples, distante da cidade, a milhares de quilômetros, sem qualquer comunicação com o mundo. A única forma de chegar a Purus é através de um pequeno avião dos Serviços Aéreos Públicos com voos programados com quinze dias de antecedência.

A província de Purus, com o seu clima tropical, abriga tanto uma biodiversidade excepcional, quanto povos indígenas que têm pouco contato com o mundo exterior. Do nascer ao pôr do sol, convivemos com nossos irmãos e irmãs indígenas que têm uma incrível confiança em Deus. Eles esperam tudo de Deus: seja a chuva para que possam partir de barco pelo rio, ou o sol para que as águas do rio Purus abaixem limpando as suas terras ancestrais, a fim de semear e colher os seus alimentos básicos e para que os aviões possam retomar os voos e trazer os medicamentos necessários.

Somos responsáveis pela Paroquia “Santa Rosa del Purús”, cujo trabalho missionário é acompanhar na fé nossos irmãos e irmãs. Damos igualmente uma assistência ao gabinete diocesano de Educação Católica e atingimos 45 comunidades indígenas da província através da equipe de professores em assuntos de formação religiosa, utilizando a nossa rádio

paroquial. Esta rádio (Rádio Esperança 95.3 FM, a rádio que "*conecta a tua vida com Cristo*"), foi reativada no ano passado, graças à ajuda de vários benfeitores que Deus colocou no nosso caminho. Assim, durante a pandemia, o programa "Aprendendo em casa" possibilitou às crianças e aos jovens que vivem nas comunidades indígenas mais remotas, que continuassem as suas aulas. A rádio também nos permite informar e oferecer itinerários de evangelização às comunidades indígenas, as quais não podemos visitar.

Para nós foi um verdadeiro desafio aprender a utilizar o material para chegar aos ouvintes, respeitando simultaneamente as restrições sanitárias devido à pandemia que, infelizmente, alastra-se a um ritmo vertiginoso na região. Também trabalhamos numa escola secundária para jovens indígenas e mestiços e oferecemos-lhes formação técnica e profissional para se tornarem agentes de mudança na sua província. Fazemos visitas domiciliárias e realizamos pequenos projetos de promoção para mulheres indígenas.

A simplicidade do povo, os seus sorrisos, a sua generosidade em compartilhar o pouco que possuem nos evangelizam. Todos sabem o que significa ter fome, mas todos vivem esperando contra toda a esperança. Damos graças a Deus todos os dias pela sua Presença e pela sua Providência. Somos uma Comunidade a caminho. Embora o número de Irmãs esteja diminuindo, estamos crescendo para Deus e para os pobres. A pandemia nos permitiu olhar para nós mesmas com maior benevolência, compreender a necessidade de nos converter para viver o espírito do Ephata, para atravessar as portas pessoais e viver uma missão sem fronteiras.

Todos os dias, na oração pessoal e comunitária, apresentamos a Deus as nossas intenções e tentamos deixar-nos instigar por esta terra de missão. A oração partilhada a partir da Palavra de Deus, das nossas Constituições, do retiro mensal da comunidade, da correção fraterna e dos tempos de recreação são as dinâmicas que sustentam a nossa vida comunitária. Agradecemos a Deus pelos nossos colaboradores que nos ensinam a arte de cuidar dos animais (galinhas, abelhas...), de cultivar a terra (cuidar da horta, das árvores frutíferas...) e de poder partilhá-los com a população.

Como Anexo da Casa Provincial, ficamos felizes quando temos acesso à Internet e podemos nos comunicar com a nossa Irmã Servente. É bom poder contar com a oração das nossas Irmãs e sentir-se plenamente membro da Casa Provincial que, apesar da distância geográfica, estão próximas de nós.

## Conclusão

Fazemos nosso o sonho do Papa Francisco: “*sonho com comunidades cristãs capazes de se devotar e encarnar de tal modo na Amazônia, que deem à Igreja rostos novos com traços amazônicos*” (*Querida Amazônia*, 7).

Que o Senhor continue a ensinar-nos a fazer parte deste povo que nos chama "Irmãs, Irmãzinhas" que sabem que "juntos e em Deus" podemos superar as muitas necessidades. O apoio da Província e de muitos benfeitores permite-nos percorrer um caminho com os nossos irmãos e irmãs indígenas. A nossa vida é para Deus e a Ele devemos isso. Ele nos chama a segui-Lo e a servi-Lo juntas, nos nossos irmãos, os pobres. Que Maria, fiel guardiã da nossa vocação, interceda particularmente por todas as Filhas da Caridade. Que o desejo de nos abirmos cada vez mais a Deus, às nossas Irmãs e aos pobres seja uma realidade que leve alegria e esperança, mesmo em meio as dificuldades.

Irmãs da Província do Peru

## Província del Caribe

### “Justiça e paz se abraçam” (Sl 84, 11)

*“Sabemos bem que, ‘todas as vezes que aprendemos, como pessoas e comunidades, a olhar para mais alto do que nós mesmos e os nossos interesses particulares, a compreensão e o compromisso recíprocos transformam-se em solidariedade; (...) numa área onde os conflitos, as tensões e mesmo aqueles a quem seria possível considerar como contrapostos no passado, podem alcançar uma unidade multiforme que gera nova vida” (Fratelli Tutti, 245).*

A Cidade do Sol é um bairro do Haiti, localizado no setor Oeste, da periferia da capital Porto Príncipe. Com uma população de aproximadamente 300.000 habitantes, é considerada uma das maiores favelas do país. Os habitantes desta favela sobrevivem miseravelmente, em condições de higiene deploráveis e de insegurança permanente, sofrendo as consequências econômicas e sanitárias.

As Filhas da Caridade estão presentes neste bairro desde 1975. A nossa casa e as nossas obras estão localizadas em um setor chamado Brooklyn, por causa da violência que se vive diariamente. Gangues de criminosos bem armados semeiam terror na Cidade do Sol.

Desde 17 de março de 2020, começou uma guerra sem precedentes entre as gangues dos setores de Boston, Brooklyn, Bellecourt, Projeto Drouillard e Cidade dos Repatriados. Todos estes setores fazem parte do território da Paróquia da Imaculada Conceição, da Cidade do Sol, onde vivemos. Cada gangue controla o seu território e utiliza os meios mais violentos para protegê-lo. Eles fazem a lei e aterrorizam a população.

## Testemunho das Irmãs

Vivemos esta realidade diariamente, com constantes tiroteios entre estes grupos armados, especialmente à noite. Esta violência paralisou todas as atividades nestes setores, inclusive, algumas vezes a principal rua chamada dos *Americanos* que atravessa a Cidade do Sol. A utilização do transporte público tornou-se muito difícil e os veículos, motocicletas, e mesmo os pedestres não conseguem se deslocar entre os bairros de Boston e Brooklyn, resultando no fechamento de escolas e do comércio, num clima de medo em toda a área paroquial. Neste ambiente caótico, muitas famílias foram obrigadas a abandonar os seus barracos e a procurar abrigo noutra lugar, deixando para trás o pouco que tinham.

Estas trocas de tiros entre os diferentes grupos armados começaram ao mesmo tempo que a pandemia do covid-19, apesar das restrições sanitárias impostas pelo governo, o que causou ainda mais problemas, criando uma terrível e angustiante atmosfera. Como responder, neste bairro, às necessidades dos nossos irmãos e irmãs que padecem com todos os tipos de dificuldades, as quais se acrescentam a violência e a pandemia?

Entre março e agosto de 2020, com o grupo da JMV, alguns funcionários e professores do setor, tentamos retomar algumas atividades escolares com os alunos. Durante o confinamento a direção da escola buscou encontrar uma forma para que as crianças pudessem finalizar o ano letivo e fazer as atividades em casa. A maioria dos estudantes têm pouca ou nenhuma eletricidade em casa e não possuem acesso à Internet ou a uma conexão para as aulas virtuais.

Durante todo o período da pandemia, distribuimos marmitas para as crianças que não puderam frequentar a escola, e aos nossos funcionários, porque todos passaram por grandes dificuldades, até mesmo para se alimentar.

Em junho de 2020, foi possível reabrir o Centro de Saúde do programa de cuidados nutricionais para crianças. No final de agosto de 2020, retomamos timidamente as atividades de atendimento médico, graças ao apoio dos nossos colaboradores que vivem na vizinhança, porém, as pessoas ainda temiam se deslocar nesta área do bairro.

Na Comunidade, unidas a todas as pessoas forçadas à pobreza, intensificamos a nossa vida de oração e a nossa vida fraterna, apresentando todas estas situações ao Senhor, partilhando-as entre nós e recebendo o apoio das outras comunidades da Província.

No final de junho de 2020, o Padre Tom, americano, conseguiu obter das diferentes gangues uma espécie de trégua para reabrir a escola. A partir daí, padres e leigos envolvidos na paróquia propuseram encontros com os diferentes líderes destes grupos armados, a fim de consolidar esta trégua ainda muito frágil. Também nós, Filhas da Caridade, participamos da organização e realização destes encontros que tinham como objetivo a busca da paz tão desejada pelos habitantes destes setores.

Durante estas reuniões, falamos com Gabriel, o chefe da gangue do Brooklyn, Iscar, o chefe do Bellecourt, aliado com Matias, chefe de Boston. Mostramos-lhes a importância da paz para a população em geral, como também da reabertura das atividades e da celebração da festa da Imaculada Conceição, padroeira da paróquia, em 8 de dezembro.

Pedimos ao Matias para que devolvesse aos Salesianos a escola que tinham ocupado durante os confrontos, a fim de retomar as atividades escolares, bem como, a vida normal no bairro e que os habitantes pudessem circular livremente pelos diferentes setores.

Apesar dos fatores sociopolíticos e econômicos gerados por esta violência no bairro, estes encontros ajudaram a refrear certas iniciativas e a prevenir outras. Embora ainda existisse certa desconfiança por parte dos chefes das gangues, estas reuniões permitiram, entre outras, organizar a procissão da Festa da Imaculada, que começou no distrito de Wharf para chegar a Boston via Brooklyn. Todos os fiéis e peregrinos puderam reunir-se num clima de serenidade e participar das várias celebrações.

Estas reuniões permitiram também viver as festas de Natal e Ano Novo sem tiroteios e celebrar Aquele que é o Príncipe da Paz.

As dificuldades que devem ser ultrapassadas para se chegar à paz são enormes porque há muito interesse individual, orgulho, hipocrisia e medo. Agradecemos a Deus por nos ajudar a participar, mesmo com os nossos poucos recursos, de um processo de paz em vista da retomada da vida escolar e paroquial.

*“Nunca está terminada a construção da paz social num país, mas é uma tarefa que não dá tréguas e exige o compromisso de todos. Uma obra que nos pede para não esmorecermos no esforço por construir a unidade da nação e - apesar dos obstáculos, das diferenças e das diversas abordagens sobre o modo como conseguir a convivência pacífica – persistirmos na labuta por favorecer a cultura do encontro que exige que, no centro de toda a ação*

## Testemunho das Irmãs

*política, social e econômica, se coloque a pessoa humana, a sua sublime dignidade e o respeito pelo bem comum” (Fratelli Tutti, 232).*

Acreditamos que esta viagem está apenas começando... A voz do Senhor continua a nos chamar para sermos artesãs da paz neste mundo dividido. Todos os dias, pedimos ao Senhor que a nossa vida e a nossa presença como Igreja, testemunhem a Sua paz e que procuremos sempre criar pontes de fraternidade e de reconciliação na Cidade do Sol.

Irmãs da Comunidade  
Nuestra Señora de la Providencia

## Província da América Central (Panamá)

### A experiência de ser “Irmã”

#### Introdução

*“Nada poderá nos separar do amor de Deus” (Rm 8, 39)*

Em nossa época e para o nosso tempo, é necessário reaprender todos os dias a obra "divina-humana" de viver como Irmãs, tanto entre nós como pessoas consagradas, quanto com os pobres a quem servimos e as pessoas com as quais compartilhamos a missão.

A fraternidade é um dom a receber, mas também uma tarefa a realizar diariamente, é uma arte e uma experiência de seguimento de Jesus à maneira dos Fundadores. É importante para cada uma de nós descobrir e alegrar-se por sermos Irmãs, reconhecer que precisamos umas das outras e mesmo diante das nossas diferenças e dificuldades, oferecer mutuamente dons e talentos.

A fraternidade é um chamado para ter coragem de superar conflitos nas nossas relações para não cair na armadilha do distanciamento, da indiferença, da violência, do desânimo ao ponto de nos fecharmos em nós mesmas e caminharmos sozinhas.

## Testemunho das Irmãs

As relações fraternas são o lugar privilegiado onde se vive o Evangelho. Além do simples respeito pelos horários e tempos comunitários estabelecidos, ser livre para amar os outros, estar perto e cuidar deles, ter confiança suficiente para pedir ajuda ou correção, superar tentações ou dificuldades, tudo isto vem de um desejo profundo do nosso coração (cf. C 32a). Que *"nada nos separe do amor de Deus"* (Rm 8,39). As Irmãs e os pobres são presentes oferecidos por Deus para tornarmo-nos verdadeiros discípulos de Cristo no espírito do carisma vicentino.

### **Nossa experiência de vida fraterna no Lar “Medalha Milagrosa”**

Vivemos em San José de David, uma cidade de tamanho médio no sudoeste do Panamá, perto da estrada Pan-Americana. É a terceira maior área urbana do Panamá e a capital da província de Chiriqui.

A nossa Comunidade é composta por Irmãs do Panamá, da Costa Rica, Honduras e Guatemala; a sua riqueza reside nesta internacionalidade, como São Vicente costumava dizer: Deus realiza sua obra através da Companhia, *“Foi Ele, portanto, que quis esta Companhia de meninas de diferentes terras e formassem todas um só coração!”* (SV, conf. de 13 de fevereiro de 1646, p. 166)

O que também enriquece a nossa vida fraterna é a diversidade de idades e das etapas de formação, a mais nova, de 30 anos, tem três anos de vocação, a mais velha tem 82 anos de idade e sessenta de vocação, que, apesar das suas limitações devido à idade e à saúde, é um modelo de Filha da Caridade. Quando esta última foi contaminada pelo covid-19, ela conseguiu vencer esta prova, e foi bonito vê-la ser cuidada por todas as Irmãs da Comunidade.

A nossa vida fraterna é um mistério de fé baseado na convicção de termos sido chamadas pelo mesmo Pai. É Deus que nos reúne e nos faz Irmãs para realizar a missão partilhada. Isto implica o dom total de cada uma de nós, com as nossas qualidades e defeitos, e a certeza de que esta é a vontade de Deus.

Como em qualquer relação humana, vivemos experiências positivas e negativas, mas graças a uma vida espiritual profunda, conseguimos ultrapassar as dificuldades. Ao praticarmos as nossas três virtudes de humildade, simplicidade e caridade e um diálogo aberto e sincero, a vida fraterna já não é vista como um fardo a ser carregado e que, por vezes, pode

tornar-se insuportável, mas como uma oportunidade para aprender, crescer e ser capaz de agradecer. É claro que, as vezes vivemos momentos difíceis por muitas razões, porém, se formos capazes de abrir os nossos corações para nos ouvirmos com sinceridade, a Comunidade tornar-se-á uma fonte de cura. Ela é como uma mãe que enxuga as lágrimas do filho que cai ou comete um erro.

As duas obras da Comunidade são: *a Lar "A Medalha Milagrosa"* e o *Centro Escolar "A Medalha Milagrosa"*. Estas duas obras têm um funcionamento distinto, mas a missão é a mesma: acolher e educar meninas indígenas muito pobres, em situação de risco; a maioria destas crianças vem da região de Ngãbe-Buglé. Se não fosse a colaboração com os leigos, seria impossível para nós assumirmos sozinhas esta missão e isto nos mostra a importância de saber delegar responsabilidades aos leigos, ao mesmo tempo que os acompanhamos e formamos no carisma vicentino.

Colaboramos com a Família Vicentina do Panamá, tanto em âmbito local (AMM e SSVP), quanto nacional: uma é conselheira nacional da Associação da Medalha Milagrosa (AMM), outra é conselheira nacional da Juventude Mariana Vicentina, e a terceira é conselheira nacional da MISEVI. A partilha das nossas experiências nestas diferentes atividades também constrói a nossa vida comunitária.

## **Uma Comunidade sob a proteção da "Única Mãe da Companhia".**

A Comunidade, assim como as duas obras, está sob a proteção de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa. Temos a alegria de aprofundar a nossa devoção à Virgem Maria com as pessoas que já a veneram e amam. Em novembro de 2020, a pandemia não nos impediu de "ir aos pés do altar". Embora respeitando as restrições sanitárias, estabelecidas pelo governo, foi possível celebrar a novena e a Solenidade da Medalha Milagrosa, tanto virtual como presencial. Foi muito emocionante poder reunir-se de novo na capela com os fiéis. Para consolidar os nossos laços fraternos, continuamos a trabalhar na pastoral mariana.

## **A Comunidade, o primeiro lugar de pertença**

A fim de continuar o trabalho do Lar "A Medalha Milagrosa", mudamos para novas instalações em San Carlitos, localizada a 6,5 km do Centro Escolar, que permaneceu nas antigas instalações do bairro Bolívar. O fato do Lar e da Escola já não estarem no mesmo lugar obrigou-nos a rever a nossa forma de viver em Comunidade, visto que todos os dias, várias de nós tínhamos que acompanhar as crianças à escola.

Para concluir, reconhecemos que não existe fraternidade sem humildade, mas, também não há serviço dos pobres sem uma verdadeira vida comunitária. Isto pressupõe, portanto, uma conversão pessoal da nossa parte, todos os dias, para desenvolver atitudes reais de escuta, diálogo, perdão e reconciliação. *“Nisto reconhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros”* (Jo 13, 35).

Irmãs da Comunidade  
do Lar “A Medalha Milagrosa”

## Província de Fortaleza

### Em pleno período de pandemia viver bem nossas relações fraternas

Assim como vários setores da sociedade, neste tempo de pandemia, a Comunidade das Filhas da Caridade em missão, no Colégio da “Imaculada Conceição”, em Fortaleza, (capital do Estado do Ceará, na região nordeste do Brasil) teve que se reinventar. Na realidade, não foi uma “reinvenção”, pois a fraternidade existe desde que Jesus veio ao mundo nos mostrar o rosto fraterno do Pai, e, na Companhia, desde quando foi fundada por São Vicente e Santa Luísa.

Acontece que o isolamento social, por causa do covid-19, e o consequente clima de ansiedade afetou o sistema nervoso de todas as pessoas, levando-as a um esgotamento e a diminuição do entusiasmo. Sentimos a necessidade de acrescentar cores às nossas vidas, particularmente, aos momentos comunitários. Nós nos questionamos sobre o que poderíamos fazer para tornar a recreação mais prazerosa, animada e participativa. Para isso, a Irmã Servente e as Irmãs jovens empenharam-se bastante, a fim de envolver todas as Irmãs, para que ninguém ficasse de fora e que este fosse um momento festivo para todas.

Organizamos então, jogos divertidos, como boliche, chutes de balão e bola ao cesto. Tinham Irmãs idosas que jogavam melhor do que as Irmãs jovens, e como havia a contagem de pontos, ninguém queria ficar na berlinda. Outras vezes, jogávamos bingo com sorteios de brindes, presentes que as Irmãs ganharam e aceitaram partilhar, tais como sacolas artesanais. Tudo era motivo para nos reunir e divertir. Vale ressaltar que os recreios sempre terminavam com um lanche repleto de guloseimas, tais como, picolé de saquinho (“gelinho”), chocolates, pipocas, etc.

### Testemunho das Irmãs

Também celebramos nossas festas sazonais. Na impossibilidade de festejar o São João na escola com os alunos, fizemos nossa festa junina na comunidade, com direito a fantasias, músicas, danças, ornamentações, comidas e brincadeiras típicas. Tudo sob um maravilhoso luar e rodeado de plantas. Desde o Advento até o Natal fizemos o tradicional “amigo secreto”, enviando mensagens e presentinhos umas às outras, deixando a curiosidade aguçada. No período do carnaval com toda a alegria que lhe é própria, organizamos um *karaokê* com músicas carnavalescas, brincadeiras animadas, desfile de fantasias, danças e pescaria. Cada Irmã que pescava um peixe ganhava uma agenda, caderno ou bloco de anotações com capa padronizada e com a temática “Fratelli Tutti”.

Para celebrar os aniversários das Irmãs, fizemos bolos temáticos, com criatividade e carinho.

Demos graças a Deus pela vivência destes momentos privilegiados que nos permitiram crescer na fraternidade, na atenção a cada uma e na colaboração entre todas.

Irmãs da Comunidade  
do Colégio “Imaculada Conceição”

## Santa Elizabeth Ann Seton A graça consoladora

### A graça consoladora<sup>1</sup>

Muito cedo em sua vida, Elizabeth Ann Seton (Bayley, nome de solteira) enfrentou muitas provações e ultrapassou barreiras. Graças a Divina Providência, ela se tornará cada vez mais aberta e sensível aos encontros com Deus.

Este artigo oferece uma visão geral dos acontecimentos que causaram grande impacto na vida de Elizabeth Ann Seton de 1793 a 1805, bem como a maneira pela qual ela soube “ultrapassar as barreiras” tanto como esposa e mãe e, também quando ficou viúva e se converteu à religião católica.

### O noivado de Elizabeth e William

Com 19 anos, Elizabeth Ann Bayley encontrou William Magee Seton, 26 anos, um jovem comerciante de Manhattan. Desde o primeiro encontro, eles sentiram um forte sentimento um pelo outro. Em suas cartas, Elizabeth o chamava de “*meu muito querido Will*” e as assinava “*sua Eliza*”<sup>2</sup>.

1 L. 2.8 à Rebecca Seton, em 3 de janeiro de 1804, *Collected Writings* [Obras completas]. Quatro volumes editados pela Irmã Regina Bechtle, SC e a Irmã Judith Metz, SC. New City Press: Hyde Park, 2000-2006. Tomo I, p.280.

2 William Magee Seton (1768-1803), filho de Rebecca Becker Curzon e William F. Seton, pai.



História  
da  
Companhia

## Santa Elizabeth Ann Seton: a graça consoladora

William Magee Seton era o mais velho dos cinco filhos de William Francis Seton, natural de Edimbourg na Escócia e de Rebecca Becker Curzon Seton (1749-1775), natural de Nova Iorque. Quando William tinha sete anos, sua mãe morreu de tuberculose. No ano seguinte, seu pai contraiu matrimônio com Anna Maria Curzon (1759-1792), irmã da sua primeira esposa. William passou sua infância no sul de Manhattan e, tanto ele quanto Elizabeth cresceram dentro de uma família reconstruída.

William recebe uma sólida educação inglesa e continua a sua formação profissional na Europa. Num dos grandes portos europeu ele faz um estágio num entreposto comercial de F. A. Filicchi em Livorno, para adquirir novos conhecimentos técnicos. Um entreposto, como um banco, presta serviços, sobretudo de contabilidade, para empresas comerciais de importação e exportação. Na ocasião, William conhece Filippo e Antônio Filicchi cuja amizade sincera será de grande importância para a sua esposa<sup>3</sup>. Tendo conquistado o seu espaço na seleta sociedade de Nova Iorque, tornou-se o cofundador, com o seu pai e outros, da empresa “Seton, Maitland & Cia”.

### **Elizabeth, esposa e mãe**

Na virada do século XIX em Nova Iorque, a sociedade se organizava em torno das profissões. No entanto, Elizabeth, entrou numa família de comerciantes através do seu casamento<sup>4</sup>, embora os seus parentes mais próximos fossem médicos (pai, tio e cunhado). Em 25 de janeiro de 1794<sup>5</sup>, atravessando as barreiras das convenções sociais do seu século, Elizabeth casou-se com William Magee Seton por amor, não por prestígio. Ela avança na vida como esposa e, em breve, no seu papel de mãe.

Para Elizabeth, a arte da maternidade é natural. Pela sua experiência, ela sabe que a *"ternura... é a linguagem que as crianças entendem melhor"*<sup>6</sup>. Como diz o Papa Francisco, a maternidade requer *"suportação, paciência e mansidão"*<sup>7</sup>, *sinais de santidade no mundo de hoje. Elizabeth é um modelo destas virtudes; no entanto, ela compreende a importância de ter tempo para si própria, o que ela chama ter "uma hora de lazer"*:

3 Filippo Filicchi (1763-1816) e Antônio Filicchi (1764-1847).

4 Dr. Richard Bayley, Dr. John Charlton e Dr. Wright Post.

5 Mary Bayley casa-se com o Dr. Wright Post em 10 de junho de 1790.

6 L. 6.70 à Catarina Duplex, Tomo II, p. 173.

7 Papa Francisco, Exortação apostólica *Gaudete et Exultate*, 112-121.

*"Estou inquieta e ansiosa para conseguir um momento de lazer. De fato, é muito raro porque estou sempre cuidando do meu bebê e quando ele deixa os meus braços, as duas outras crianças pedem para levá-las ao jardim, ao bosque ou à cozinha para um lanche. Assim, podem imaginar o quanto estou ocupada, mas feliz"*<sup>8</sup>.

Em menos de dez anos de matrimônio, o casal teve cinco filhos:

- Anna Maria, (Annina), (1795-1812), faleceu aos 16 anos em Emmitsburg, em Maryland.
- William, (1796-1868), faleceu com 72 anos em Nova Iorque.
- Richard Bayley, (1798-1823), faleceu no mar próximo de Monrovia (Libéria).
- Catherine Charlton, (1800-1891), faleceu com 91 anos em Nova Iorque.
- Rebecca Mary, (1802-1816), faleceu com 14 anos em Emmitsburg, em Maryland.

Com orgulho materno, Elizabeth fala frequentemente dos seus "queridos tesouros". Quando as três primeiras crianças ainda eram muito novas, Elizabeth descreveu-as carinhosamente a uma amiga:

*"Desde a sua visita, Anna melhorou muito, na verdade ela é encantadora, tudo o que se poderia esperar. Will é muito ativo e se deixarmos ele toma conta da casa, no entanto, o pequeno Richard ganha todos os corações, é um lindo bebê como nunca antes visto, parecidíssimo com a Anna, porém, muito mais calmo"*<sup>9</sup>.

## **A Sociedade para a assistência das viúvas**

Elizabeth constatou a enorme desigualdade existente no mundo. Ela estava particularmente preocupada com as viúvas pobres que tinham filhos pequenos, constatando a felicidade da sua família em comparação com estas "viúvas pobres"<sup>10</sup>. Com outras mulheres, sob a liderança de Isabella Marshall Graham, uma viúva caridosa e engenhosa, ela se mobilizou para transformar a sua preocupação num serviço eficaz. Em 1797, fundaram a Sociedade para

---

8 L. 1.30 à Júlia Scott, Tomo I, p. 49. O bebê sobre o qual Elizabeth fala é Richard; as duas crianças são Anna e William.

9 L. 1.39 à Rebecca Seton, Tomo I, p. 61-2.

10 L. 1.155 à Júlia Scott, 1º de fevereiro de 1802, Tomo I, p. 202.

## Santa Elizabeth Ann Seton: a graça consoladora

a assistência das viúvas pobres com crianças, primeira obra beneficente nos Estados Unidos, dirigida inteiramente por mulheres. Elizabeth foi a primeira tesoureira. Através das suas visitas domiciliares a estas viúvas, Elizabeth aprofundou a sua relação com Deus. Rebecca Seton, que partilhava a piedade de Elizabeth, envolveu-se com a Sociedade de assistência. Por vezes, as pessoas que viram Elizabeth e Rebecca visitar estas mulheres em dificuldade referiam-se a elas como as "*Irmãs da Caridade Protestante*"<sup>11</sup>.

### Suas amigas

Durante toda a vida, Elizabeth entrará em contato com mulheres da sua condição social, e tornarão amigas leais, mesmo quando a sua situação social mudará. Elizabeth e Rebecca consideravam-se "almas gêmeas", participavam juntas dos cultos, partilhavam as suas reflexões sobre os sermões do Pastor Hobart, e vivenciavam mensalmente várias celebrações nas Igrejas Episcopais da Trindade, quando a comunhão era possível. Regularmente, trocavam pequenas mensagens espirituais para se sustentarem mutuamente na fé.

### As cruces familiares

Elizabeth era muito próxima do seu sogro, que a considerava como sua filha. Mas, em janeiro de 1797, sofreu uma queda no gelo que lhe deixou com profundas sequelas, inclusive reduzindo a sua mobilidade, e morreu seis meses depois. Na sua morte, um dos jornais de Nova Iorque escreveu que William F. Seton, pai, "*está entre os cidadãos mais respeitáveis da cidade e deixa treze filhos*"<sup>12</sup>.

William, o filho mais velho e, portanto, o herdeiro dos negócios da família, teve que assumir esta responsabilidade apesar da sua pouca experiência. Naquela época, os Estados Unidos estavam em guerra com Marrocos, Argélia, Tunísia e Trípoli (1801-1805) visto que estes governos não intervinham quando os piratas, atacavam e roubavam os navios das empresas americanas de comércio internacional no mar Mediterrâneo. A empresa "Seton, Maitland & Cia" começou a se afogar em dívidas e estava à beira da falência; as consequências para a família Seton foram

11 Charles I. White, *Life of Mrs. Eliza A. Seton, Foundress and First Superior of the Sisters of the Sisters or Daughters of Charity in the United States of America* [Vida da senhora Eliza A. Seton, fundadora e primeira superiora das Irmãs ou Filhas da Caridade nos Estados Unidos da América], (Nova Iorque: Edward Dunigan and Brother, 1853), p. 35.

12 Annabelle M. Melville, ed. Betty Ann McNeil, FC, *Elizabeth Bayley Seton 1774-1821* (Hanover, Pennsylvania: The Sheridan Press, 2009), p. 38.

desastrosas, a ponto de quase perderem a casa, os bens e toda a segurança que haviam... a saúde de William deteriorou-se, foi-lhe diagnosticado a tuberculose, uma doença frequente na família por parte de sua mãe.

Elizabeth estava no final da sua terceira gravidez e trabalhava até tarde da noite para ajudar o seu marido, um dia, ela escreveu a uma amiga dizendo: *"Nestas últimas semanas não larguei mais a pena, a não ser, para dormir, na verdade, para chorar, aliás, algo que fiz muito ultimamente. O meu pobre William mantém-me continuamente ocupada a copiar as suas cartas de negócios, arquivando os seus papéis"*<sup>13</sup>.

*Elizabeth e William, que viviam na Wall Street, nº 27, decidiram mudar-se para uma casa maior a fim de cuidar dos irmãos paternos de William que tinham ficado órfãos devido à morte do patriarca. Elizabeth sentiu-se "terrivelmente cansada e doente no início de junho"* e, só conseguiu mudar-se após o nascimento de Richard<sup>14</sup>. O parto foi difícil, tanto a vida da mãe como a da criança estavam em perigo. Felizmente, o Dr. Bayley, pai de Elizabeth, estava lá e conseguiu salvar o bebê. Elizabeth perde temporariamente a visão e uma epidemia de febre amarela atrasou a mudança por mais alguns meses<sup>15</sup>. Elizabeth partilha os seus sentimentos sobre a perspectiva de reunir os seus três filhos com os outros seis órfãos na mesma casa<sup>16</sup>:

*"Tenho que tentar enfrentar... Certamente, para mim, que gosto tanto do sossego e de uma família pequena, é uma mudança muito grande tornar-se de repente mãe de mais seis filhos e ver-me à frente de um lar tão grande... Acostumei-me a ceder por afeto ao meu William. E quando penso nas suas esmagadoras preocupações, dou graças a Deus que me permite partilhá-las com ele e aliviá-lo delas"*<sup>17</sup>.

John Jay, Governador do Estado de Nova Iorque, nomeou o Dr. Bayley como o primeiro Inspetor de Higiene Pública no Porto de Nova Iorque, em 22 de fevereiro de 1796. O Dr. Bayley construiu uma estação de quarentena e um hospital naval em Staten Island e, seguindo o seu conselho, foi neste hospital que Elizabeth deu à luz ao seu quarto filho em 1800: Catherine Charlton (Kitty), sem incidentes. Dois anos depois, Elizabeth deu à luz a sua filha caçula, Rebecca Mary.

13 L. 1.22 à Júlia Scott, 5 de julho de 1798, Tomo I, p. 35

14 Ibid., 36.

15 L. 1.108 à Júlia Scott, 10 março de 1801, Tomo I, p. 151; cf. L. 1.25, Tomo I, p. 42; L. 1.32, Tomo I, p. 53; L. 1.147, Tomo I, p. 193.

16 cf. Provérbios 31, 10-31.

17 L. 1.22 à Júlia Scott, 5 de julho de 1798, Tomo I, p. 36.

## Santa Elizabeth Ann Seton: a graça consoladora

A falência profissional e as dificuldades econômicas levaram a família Seton a mudar, pela segunda vez para uma casa alugada no sul de Manhattan, na State Street, nº 8. Os credores tomaram posse do escritório da empresa "Seton, Maitland & Cia", e se instalaram na sua biblioteca para "*fazer um inventário do mobiliário, bens, etc.*"<sup>18</sup>. Os Seton conhecem a falência, a adversidade, a enfermidade...

### A sua religião

Antes do seu casamento, Elizabeth foi influenciada por diferentes tradições religiosas: metodista, quaker, huguenot e episcopais. Há pouca documentação sobre a participação dos Seton na paróquia episcopal da Trindade, a não ser uma lista de fiéis e os registros de batismo do nascimento de cada filho.

O culto semanal consiste em hinos, salmos, passagens bíblicas e um longo sermão. Entre as tendências anglicanas (a alta Igreja e a baixa Igreja), a paróquia Episcopal, a qual os Seton pertencem, é a baixa Igreja. Celebrações com comunhão eram realizadas aproximadamente seis vezes por ano.

Desde o momento em que chegou à Igreja da Trindade, o Pastor Hobart desempenhou um papel importante na formação religiosa de Elizabeth<sup>19</sup>. Conhecedor das Sagradas Escrituras e um excelente pregador que a fascinava. Os sermões do pastor alimentavam a piedade bíblica de Elizabeth e aprofundavam o seu sentido espiritual. Elizabeth e Rebecca, as duas cunhadas, "almas gêmeas", desenvolveram uma profunda ligação espiritual; elas aproveitavam todas as oportunidades para ouvir o pastor e Elizabeth chegou ao ponto de lhe pedir o texto dos seus sermões para fazer a sua leitura espiritual<sup>20</sup>.

Sempre que há Comunhão elas assistem aos ofícios numa das capelas da Paróquia Episcopal da Trindade. Elizabeth como fiel da Igreja episcopal, assim como o Pastor Hobart, vê "*o rito da Eucaristia como um sacrifício de louvor*" e a Sagrada Comunhão como "*a presença espiritual de Cristo nas espécies*", mas não acredita na Presença Real de acordo com a fé católica.

18 L. 1.100 à Júlia Scott, 7 de dezembro de 1800, Tomo I, p. 141.

19 Flanagan, Kathleen S.C. "Some Aspects of Elizabeth Seton's Spiritual/Theological World" ["Alguns aspectos do mundo espiritual/teológico de Elizabeth Seton"], *Vincentian Heritage Journal*: Tomo 14 (1993), n. 2, Disponível em: <https://via.library.depaul.edu/vhj/vol14/iss2/>

20 Cf. L.1.178 a Rebecca Seton em 2 de outubro de 1803, Tomo I p. 225.

## **Ó Pai misericordioso!**

Elizabeth e seus filhos passaram o verão de 1801 com o Dr. Bayley, dentro da estação de saúde em Staten Island. A partir da entrada da casa, Elizabeth pôde ver os imigrantes recém-chegados, incluindo mães de família muito magras com crianças anêmicas e abatidas. Tanto sofrimento a perturbava. *"Já não consigo dormir... Estes mortos e moribundos assombra-me a mente. Há crianças pequenas morrendo no seio seco da sua mãe moribunda. Isto não é imaginação! Esta é a realidade do que está à minha volta"*<sup>21</sup>. Elizabeth acrescenta que o seu *"pai diz que existem atualmente doze bebês...que ficaram doentes durante muito tempo no navio, sem comida, sem ar, sem uma muda de roupa. Ó Pai misericordioso!"*<sup>22</sup> Esta miséria inquietava Elizabeth que podia amamentar o seu próprio filho.

Após sua jornada de trabalho com os migrantes doentes, o Dr. Bayley fez um passeio com a sua filha. Numa noite, ao contemplar um lindo pôr do sol, com um céu maravilhoso, seu pai chamou-lhe a atenção *"sobre as diferentes nuances do sol no campo de trevos...e lhe dizia varias vezes: 'jamais vi algo assim tão belo em toda a minha vida!'"*<sup>23</sup> De volta para a sua casa, Elizabeth, no piano, acompanhou seu pai que cantava hinos alemães e outras canções preferidas da família. Na manhã seguinte, Elizabeth o viu *"sentado...segurando a sua cabeça entre as suas mãos"* em pleno calor de verão. Inquieta, ela *"explode em lágrimas"* e foi preciso ajudá-lo a entrar na sua casa. Lá, ele *"cai no delírio imediatamente"*. Nenhum medicamento ou tratamento podem aliviá-lo<sup>24</sup>. Durante a semana, Elizabeth, com o coração despedaçado, cuida e reconforta o seu pai que *"pega na mão de [Elizabeth] e dá o último suspiro com serenidade, sem o menor gemido ou sinal de sofrimento e entra na Eternidade"*<sup>25</sup>.

## **"Hazard zit Forward"**

Após o funeral do seu pai, Elizabeth ainda em luto, regressa para casa e para as suas atividades na Sociedade de Ajuda às Viúvas. Ela constata como a saúde do seu marido enfraqueceu. *"O meu Seton ... parece-me mais indisposto como eu nunca vi igual"*<sup>26</sup>.

21 L. 1.137 à Rebecca Seton, Tomo I, p. 181.

22 Ibid.

23 L. 1.141 à Júlia Scott, 5 de setembro de 1801, Tomo I, p. 185.

24 Ibid.

25 Ibid., 186.

26 L. 1.129 à Eliza Sadler, 26 de junho de 1801, Tomo I, p. 172. Elizabeth lembra-se com frequência do seu esposo como "meu Seton"

No dia do seu casamento, Elizabeth e William prometeram "*amarem-se fielmente na alegria e na tristeza, na saúde e na doença enquanto ambos viverem*". O seu amor recíproco permitiu-lhes enfrentar o futuro. Confiando na Divina Providência, o casal encontrou apoio nos seus familiares e amigos. A fé de Elizabeth em Deus, combinada com a determinação de William, deu-lhes a confiança para seguir adiante. Esta atitude está no espírito do lema da família Seton: ***Hazard zit Forward*** numa mistura de anglo-normando e do velho inglês; em português moderno: *Seja qual for o perigo, vá em frente!*

### Uma viagem empreendida na esperança

Com os tratamentos médicos já não tendo qualquer efeito sobre a saúde de William, Elizabeth recorreu a uma medida desesperada para a sua recuperação: uma viagem marítima à Toscana, Itália. Embora muitas pessoas os tenham desencorajado a empreender este projeto, que era considerado ridículo, Elizabeth continuou a fazer preparativos na esperança de que a saúde de William melhorasse. No século XIX, as viagens marítimas eram um remédio amplamente recomendado para doenças crônicas. Elizabeth "*desmamou o seu bebê doente em agosto, fechou a casa e desde então ficou esperando o momento para embarcar para Livorno*"<sup>27</sup>. William já conhecia a Toscana e tinha amigos em Livorno, Filippo e Antônio Filicchi, com os quais manteve relações comerciais<sup>28</sup>. Elizabeth escreve a Eliza Sadler:

*"Partiremos no dia 25: tudo está pronto, e tudo está a bordo. Mas, cada amanhecer traz à luz o rápido declínio da força do meu Seton; se ele conseguir se levantar, será melhor do que a perspectiva atual"*<sup>29</sup>.

Elizabeth e William pediram aos seus familiares (Rebecca Seton e Mary Post) para cuidarem dos seus filhos mais novos e decidiram que Anna Maria os acompanharia. Enquanto estiveram fora, confiaram ao Pastor Hobart alguns quadros e móveis. Elizabeth levou a sua Bíblia, cópias dos sermões do pastor, papel, pena e tinteiro, geleias e xaropes para o seu marido. Confiante em Deus, pouco antes de embarcar no grande "The Shepherdess" (*A Pastora*), ela escreveu à Júlia Scott: "*O meu Seton está declinando tão rapidamente, que não nos deixa com muita esperança em ver o restabelecimento de sua saúde. Mas estamos à mercê da Providência, a minha alma repousa nesta esperança e sinto toda a força destas consolações*"<sup>30</sup>.

27 L. 1.174 à Júlia Scott, 1º de outubro de 1803, Tomo I, p. 222.

28 Luca Codignola, *Blurred Nationalities Across the Atlantic* [O fluxo das nacionalidades transatlânticas], (University of Toronto Press, 2019), p. 153.

29 L. 1.172 à Eliza Sadler, 20 de setembro de 1803, Tomo I, p. 220.

30 Doc. 10.4, Queridas lembranças, Tomo IIIa, p. 512; L. 1.174 à Júlia Scott, 1º de outubro de 1803,

Sob o comando do Capitão O'Brien, *A Pastora* deixou Nova Iorque com os Seton a bordo, em 2 de outubro de 1803. O atento cuidado de Elizabeth com o William faz-nos pensar na maneira com a qual Luísa [de Marillac] cuidou do seu marido: “*com muito afeto, dispensa-lhe os mais ternos cuidados, mas suas mudanças de humor e suas impaciências tornam-se cada vez mais frequente*”<sup>31</sup>. Elizabeth compreende que Deus a chama mais uma vez à *suportação, paciência e mansidão*<sup>32</sup>. Alimentados pelo Salmo 22, com confiança, os Seton colocam nas mãos da Providência a sua travessia do Atlântico.

### A quarentena

Após quarenta e seis dias no mar, os passageiros da “*Pastora*” ficaram encantados ao ouvir os sinos de Livorno tocando o *Ângelus*. Contudo, pouco antes de chegarem ao porto de Livorno, as autoridades italianas, tendo tomado conhecimento da existência de uma epidemia de febre amarela em Nova Iorque, estavam preocupadas. Ao verem a saúde debilitada de William, os oficiais do porto acolheram-no fria e severamente e decidiram agir com extrema cautela em relação a ele. Apesar dos apelos dos Filicchi e outros amigos que tinham vindo receber os “americanos”, Elizabeth e William foram colocados em quarentena num leprosário nos arredores de Livorno.

Elizabeth escreveu a Rebecca, a sua “alma gêmea”: “*Finalmente foi-nos mostrada a porta pela qual deveríamos entrar, era a n° 6, que ficava no alto de uma escadaria de pedra, com vinte degraus para subir; um grande quarto abobadado, muito alto... o chão de tijolo; as paredes nuas. O capitão enviou-nos três ovos cozidos, uma garrafa de vinho, e algumas fatias de pão. Um colchão foi posto no chão para William, onde ele se deitou, incapaz de tocar no vinho ou nos ovos. Onde estavam os nossos pequenos xaropes, a nossa geleia de groselha, as nossas poções que ele ia tomar a bordo, de hora em hora?*”<sup>33</sup>

Angustiada, Elizabeth encontra um canto onde se esconde e chora. Ela escreve: “*Depois de desabafar o meu coração e lavar os tijolos com minhas lágrimas, voltei-me para o meu pobre William*”<sup>34</sup>. Anna Maria “*encontrou um pedaço de corda que tinha amarrado uma das nossas caixas e começou a pular para se aquecer, pois, a umidade dos tijolos e das paredes fazia-nos tremer*”<sup>35</sup>.

---

Tomo I, p. 222.

31 Elisabeth Charpy, *Contra ventos e marés*, Luísa de Marillac, p. 16.

32 Papa Francisco, *Gaudate et Exsultate*, 112-121

33 Doc. 2.7, diário destinado à Rebecca Seton, 19 de novembro de 1803, Tomo I, p. 253.

34 Ibid.

35 Ibid.

## Santa Elizabeth Ann Seton: a graça consoladora

O leprosário é desconfortável, especialmente para uma pessoa doente: um vento forte do mar entra pela grade de ferro da janela ao ponto de apagar a vela. Este vento frio sopra através de todas as fendas e corre pela chaminé com um som trovejante. Isto provoca em William uma tosse violenta, a ponto de cuspir sangue, para o seu grande sofrimento, ao mesmo tempo que tenta esconder da sua esposa. Elizabeth encorajou William rezando e lendo passagens da Bíblia. Ela tentou persuadir as autoridades a ter mais compaixão pelo seu marido, porém, nada foi feito.

Os Filicchi fazem tudo o que podem para defender o caso Seton e aliviá-los durante o seu confinamento. E surpresa! O seu confinamento foi reduzido para cinco dias. Esgotada, Elizabeth rompeu-se em lágrimas e escreveu: "*Verdadeiramente, eu estaria consolada, se o meu pobre William não tivesse aqui. Mas vê-lo assim, no estado em que ele se encontra, é pior do que a morte*"<sup>36</sup>. Elizabeth mergulhou na oração, na contemplação e na Escritura.

*"Penso muitas vezes que, no futuro, considerarei estas horas como as mais preciosas da minha vida"*<sup>37</sup>. *"Encaro a minha posição atual como um tesouro. Se o meu corpo está na prisão, a minha alma está em liberdade; uma tal liberdade, que talvez nunca mais prove nada semelhante, enquanto a união desta alma e deste corpo durar. Cada momento que eu não passo nas minhas obrigações como cuidadora de doente, ou na leitura dos meus queridos livros, é uma perda para mim"*<sup>38</sup>.

Qualquer esforço físico fazia com que William tivesse febre: *"a sua própria respiração fazia tremer a sua cama"*<sup>39</sup>. Elizabeth fez tudo o que pôde para apoiá-lo e acalmá-lo para que ele pudesse dormir.

*"Mas, oh meu Pai celestial! Sei que estes acontecimentos contraditórios são permitidos e ordenados pela vossa Sabedoria, que é a própria Luz. Estamos na escuridão, e devemos estar gratos pelo nosso conhecimento não ser necessário para que a vossa obra seja feita"*<sup>40</sup>.

Esta estadia no leprosário enfureceu Elizabeth *"por causa das altas paredes úmidas"* e do *"frio e vento"* que *"transpassavam até à medula óssea"* enquanto ela se esforçava para cuidar de William e de Anna Maria.

---

36 Ibid., p. 255.

37 Ibid.

38 Ibid., p. 257-258.

39 Ibid., p. 261.

40 Ibid., p. 271.

## Em Pisa

Quando deixam o leprosário, Filippo Filicchi levou Elizabeth e William para o apartamento que tinha alugado em Pisa, do outro lado do rio Arno, onde vivia com a sua esposa Mary. Elizabeth ficou feliz ao constatar que o seu marido suportou a viagem para Pisa "*bem melhor do que eu poderia ter pensado*"<sup>41</sup>.

Alguns dias mais tarde, William tentou passear de carro pelo vilarejo, mas cinco minutos depois teve que desistir.

Na véspera do Natal, William disse que gostaria de "*receber o sacramento*"<sup>42</sup>. Elizabeth verteu "*um pouco de vinho num copo*" e recitou "*várias passagens dos salmos e orações*"<sup>43</sup>. Eles rezaram e partilharam "*a taça de ação de graças*"<sup>44</sup>. Em seguida, William começou a delirar e ficou "*tão impaciente para sair deste mundo que ... [Elizabeth] mal conseguiu umedecer os seus lábios. Ele implorou incessantemente para que o seu Redentor o perdoasse e o libertasse*"<sup>45</sup>. William pareceu confortado quando Elizabeth repetiu "*as promessas das Escrituras*"<sup>46</sup>. Ele falou com a sua esposa sobre "*a confiança que tinha de em breve ser recebido pelo seu Redentor*"<sup>47</sup>.

Elizabeth escreveu para Rebecca: "*Muitas vezes, embora não pudesse falar, eu lhe perguntei: 'Meu querido, você sabe que vai encontrar o seu Redentor?' e, passivamente, ele respondia com um aceno de cabeça e um olhar para o céu. Às sete e quinze, na manhã de terça-feira, 27 de dezembro de 1803, a sua alma foi libertada, e ao mesmo tempo a minha, de uma agonia próxima da morte*"<sup>48</sup>. Elizabeth abraçou Anna Maria e ambas se ajoelharam "*ao lado do precioso corpo... para agradecer ao Pai celestial por tê-lo libertado do seu estado miserável, e pela alegre garantia que lhes foi dada de que, através do nosso abençoado Redentor, William entrou na vida eterna e, para implorar a proteção de Deus*" sobre a sua família<sup>49</sup>.

Duas lavadeiras ajudaram Elizabeth a lavar, vestir e preparar William para o enterro. Depois, Elizabeth juntou-se a Mary Filicchi que a levou de

41 Doc. 2.8, diário destinado à Rebecca Seton, 3 de janeiro de 1804, Tomo I, p. 271-272, 277.

42 Doc. 2.7, diário destinado à Rebecca Seton, 19 de novembro de 1803, Tomo I, p. 273.

43 Ibid.

44 Ibid.

45 Ibid., p. 274

46 Ibid.

47 Ibid.

48 Ibid

49 Ibid.

## Santa Elizabeth Ann Seton: a graça consoladora

carro para Livorno. Elizabeth escreveu: "*Havia oito dias que a minha cabeça não tinha descansado; e nestes últimos três dias e noites, com apenas uma refeição a cada vinte e quatro horas, sinto uma fadiga incessante*"<sup>50</sup>. Após o funeral no cemitério inglês<sup>51</sup>, Elizabeth e Anna Maria vão para a casa de Antônio e Amália Filicchi em Livorno.

### **“Ensinaí meu coração”**

#### **Em Livorno**

Livorno é um porto internacional que se destaca, particularmente, pela diversidade de nacionalidades das pessoas que por ali passam para fazer negócios. Observa-se também nesta cidade que o ecumenismo ocupa um lugar importante.

Naquele período do Natal, Elizabeth e a sua filha, Anna Maria, moravam com a família Filicchi. Anna Maria conquista igualmente o coração dos Filicchi, que não hesitam em chamá-la de "Annina"; ela conservará para sempre este diminutivo. Elizabeth, viúva aos 29 anos, permaneceu firme na sua fé e afirmou: "*a presença benevolente e a graça consoladora do... meu Redentor e meu Deus nunca me deixaram*"<sup>52</sup>. A descoberta da cultura toscana levou-a a familiarizar-se com a fé católica. A família Filicchi morava numa rua próximo da Igreja de Santa Catarina de Sena, um edifício barroco do século XVIII, no bairro de Nova Veneza.

Na casa dos Filicchi, Elizabeth encontra um pequeno livro de orações aberto na oração *Memorare* (Lembraí-vos). Ela começa a copiar várias vezes esta oração, que toca o fundo do seu coração enlutado. No final de uma das suas cópias, acrescenta: "*Amai-me, Mãe*"<sup>53</sup>. Uma noite, Antônio ensinou Elizabeth a fazer o sinal da Cruz<sup>54</sup>. Profundamente tocada pelo significado deste ato, Elizabeth exclama numa carta: "*Toda a religião católica está cheia destes significados que tanto me interessam!*"<sup>55</sup>.

---

50 Ibid., p. 275.

51 A Igreja anglicana São Jorge em Livorno. Na lápide pode-se ler: "Aqui jaz William Magee Seton, comerciante de Nova Iorque, que deixou este mundo em 27 de dezembro de 1803, em Pisa". Em 2004, seus restos mortais foram transferidos para o jardim da Paróquia Santa Elizabeth-Ann-Seton, Piazza Lavagna.

52 Doc. 2.8, diário destinado à Rebecca Seton, 3 de janeiro de 1804, Tomo I, p. 280.

53 Doc. 2.11, diário destinado à Rebecca Seton, Tomo I, p. 293.

54 Doc. 2.14, diário destinado à Rebecca Seton, Tomo I, p. 296.

55 Ibid.

## Em Florença

No início de janeiro de 1804, Elizabeth e Anna Maria acompanharam os Filicchi a Florença para uma visita familiar<sup>56</sup>. Elizabeth ficou num quarto bem situado, com uma bela vista para a Cordilheira dos Apeninos, a Ponte Vecchio e várias pontes medievais que atravessam o rio Arno.

### A Basílica da Santíssima Anunciação

No dia seguinte, Amália vai à missa na Basílica da Santíssima Anunciação, acompanhada por Elizabeth e Anna Maria. Na Basílica, Elizabeth "*caiu de joelhos no primeiro lugar livre que encontrou e começou a chorar... de tristeza acumulada*"<sup>57</sup>. Esta foi a sua primeira experiência com o culto católico.

### A Basílica de Santa Maria Nova

Pouco tempo depois, Elizabeth visita a Basílica de Santa Maria Nova. Datada da Idade Média, é uma joia da arquitetura gótica e renascentista, com quadros magníficos. Elizabeth está fascinada pela obra de arte da Deposição de Cristo da Cruz (*Il Deposizione dalla Croce*) de Giovanni Battista Naldini (em inglês, a obra chama-se "a lamentação sobre o Corpo de Cristo morto"). Para chamar a atenção do espectador para o Corpo de Jesus Cristo, no momento que o retiram da Cruz, Naldini usou luzes e sombras. Na extrema esquerda do quadro, Nicodemos pode ser visto preparando mirra e aloés (aromas) para o sepultamento de Jesus. O domínio das cores vermelhas refere-se à perseguição e ao martírio dos cristãos. Elizabeth identifica-se com o luto de Maria ao receber o Corpo do seu filho, vendo-o como um paralelo com o seu próprio sofrimento<sup>58</sup>.

*"É uma descida da cruz, quase em tamanho real. A expressão de Maria, ao pé da cruz mostra bem que o ferro da lança tinha penetrado no seu coração, e havia um contraste tal entre as sombras da morte, lançadas sobre a sua expressão angustiada e a paz celestial do querido Redentor, que parecia que as Suas dores tinham caído sobre ela. Como foi difícil para mim afastar-me desta imagem! Muitas vezes, durante as poucas horas que passaram desde o momento que a vi, fechei os olhos e voltei a contemplá-la na minha imaginação"*<sup>59</sup>.

56 Doc. 2.10, diário de Florence destinado à Rebecca Seton, [janeiro de 1804], Tomo I, p. 283-288.

57 Ibid., p. 283.

58 Giovanni Battista Naldini (1535-1591), *Il Deposizione*, 1572, pintor italiano de estilo maneirista, que exerceu seu ofício em Florença. cf. <https://www.invaluable.com/auction-lot/property-from-a-private-collection-giovanni-batti-30-c-e2262bc92t#>

59 Doc. 2.10, diário de Florença destinado à Rebecca Seton, [janeiro de 1804], Tomo I, p. 287.

## Ópera

Antes da sua morte, William Seton, que era um aficionado de óperas, desejou levar a sua esposa para ver uma, com o famoso tenor Giacomo David, em Florença. Assim, os Filicchi decidiram comprar bilhetes para a ópera; Elizabeth não queria ir, mas concordou relutante. Ela descreveu para Rebecca como foi a noite: *"A Ópera é tão escura... Não consegui encontrar satisfação nos seus cânticos... O meu William tinha desejado tanto que eu ouvisse este David, que tentei encontrar prazer nele, mas não havia uma única nota que tocasse o meu coração"*<sup>60</sup>.

### **"Introdução à vida devota" - o livro**

De volta à sua casa, Filippo Filicchi deu para Elizabeth o livro *"Introdução à vida devota"*, um grande clássico da vida espiritual escrito por São Francisco de Sales<sup>61</sup>. Assim, Deus conduz Elizabeth ao Mistério. Em uma de suas cartas, em 2 de fevereiro, Elizabeth diz: Amabilia *"levou-me ao que ela chama de Missa, nós diríamos ao templo"*<sup>62</sup>. Elizabeth maravilhou-se *"ao ouvir que Deus está presente no Santíssimo Sacramento"*<sup>63</sup>. Profundamente impressionada, ela confiou a Rebecca: tenho *"tanto para te contar...sobre coisas que não podes imaginar; estas queridas pessoas são tão estranhas no que se refere à religião"*<sup>64</sup>.

*"Pergunto ao Sr. Filicchi... sobre as diferentes religiões, ele começa a me dizer que só existe uma verdadeira religião, e que sem a verdadeira fé não podemos agradar a Deus. 'Ó Senhor', respondi, 'se existe somente uma fé, e ninguém pode agradar a Deus sem ela, então, o que dizer de todas as pessoas boas que morrem fora dessa fé?' Não sei", respondeu ele; 'depende da luz da fé que receberam'. Mas eu sei para onde vão as pessoas que podem conhecer a verdadeira fé, se rezam na intenção de tê-la e se procuram aprofundá-la, e, no entanto, não o fazem". "Mais vale dizer, senhor, que queres que eu reze, que eu busque informações e que eu abrace a sua fé", disse-lhe isto sorrindo. "Reze e documente-se, é tudo o que lhe peço"*<sup>65</sup>.

---

60 Ibid., p. 286.

61 A festa de São Francisco de Sales é em 24 de janeiro, dia de sua morte.

62 A festa da purificação de Maria e a Apresentação do Senhor no templo. As velas que serão utilizadas são bentas antes da Missa e levadas em procissão.

63 Doc. 2.11, diário destinado à Rebecca Seton, 28 de janeiro de 1804, Tomo I, p. 289.

64 Ibid., p. 290.

65 Ibid.

## O Santuário de Montenero

No início do mês de fevereiro, os Filicchi levaram Elizabeth e Anna Maria ao Santuário de Montenero, também conhecido como “Santuário de Nossa Senhora da Graça”. Este lugar era muito querido para os Filicchi, situado no topo de uma bela e exuberante colina. Tinha uma vista magnífica para o mar Tirreno e para um jardim com flores multicoloridas na esplanada.

Durante a Missa, aconteceu um incidente que comoveu Elizabeth e, ao mesmo tempo marcou o seu percurso espiritual.

*“[Durante a missa] ... um jovem inglês, lamentavelmente, no momento em que o Padre estava fazendo a ação mais sagrada, o que chamamos de elevação, este jovem insensato me diz em alta voz ao ouvido: ‘é isto que eles chamam de Presença Real’. Meu coração estremeceu de dor e de tristeza com esta forma grosseira de interromper esta adoração sagrada, pois a nossa volta havia silêncio absoluto, e muitos participantes estavam prostrados, com o rosto para baixo... Imediatamente pensei: ‘Como podem comer e beber a sua própria condenação por não a terem discernido...’”<sup>66</sup>.*

Elizabeth ficou envergonhada diante desta interrupção desrespeitosa. Ora, inclinando-se em oração, vieram em sua mente, as palavras de São Paulo: *“Eles não discernem o Corpo do Senhor”*. Como membro da Igreja Episcopal, isto é, alguém que recebe regularmente a Sagrada Comunhão, Elizabeth respeita este sacramento e se pergunta como é que os batizados podem desprezar casualmente a Presença Real de Jesus Cristo no Santíssimo Sacramento. Ela se pergunta se eles não comem e bebem a sua condenação eterna...<sup>67</sup> *“Eu ri com Deus, enquanto me esforçava para ficar séria, e cada dia, como este excelente homem me recomendou, repito as palavras daquele idoso, o Papa Alexandre (poeta inglês do séc. XVIII): ‘Se eu estiver no caminho certo, oh, ensinaí o meu coração a permanecer no verdadeiro caminho. Se eu estiver errada, ensinaí o meu coração a encontrar a rumo certo!’”<sup>68</sup> Não é que eu pense que exista um melhor caminho do que aquele que conheço, mas, é preciso respeitar cada um no seu próprio caminho”<sup>69</sup>.*

A abertura de Elizabeth às diferenças mostra o seu desejo de inclusão e unidade na diversidade. Ela escreveu novamente a Rebecca, não sobre as visitas que fez, mas a respeito da sua reflexão sobre a fé católica. No início,

---

66 Ibid., p. 290-1.

67 Ibid.

68 Ibid. Alexander Pope (1688-1744), *Moral Essays [Ensaio morais]*.

69 Doc. 2.11, diário destinado à Rebecca Seton, 28 de janeiro de 1804, Tomo I, p. 290.

## Santa Elizabeth Ann Seton: a graça consoladora

ela fez várias perguntas por curiosidade no tocante a Igreja católica e alguns aspectos da fé; depois, gradativamente, começa a buscar a verdade da fé e, os Filicchi foram para ela excelentes acompanhadores. “*Como seríamos felizes se acreditássemos no que eles acreditam: que eles têm Deus no Sacramento, que Ele habita nas suas Igrejas, e é levado até eles quando estão doentes*”<sup>70</sup>

### De volta aos Estados Unidos

Sabendo que o Capitão John O'Brien partiria para Nova Iorque em algumas semanas, Elizabeth pensou voltar para casa<sup>71</sup>. No dia em que Elizabeth e Anna Maria embarcaram na *La Bergère* (A Pastora) para partir ao amanhecer, irrompeu uma grande tempestade, que danificou o navio, obrigando todos os passageiros a desembarcar. Mais uma vez, os Filicchis acolhem Elizabeth e a sua filha durante o tempo da reparação da “*Pastora*”<sup>72</sup>. Desta vez é Anna Maria que adocece, diagnosticada com escarlatina e fica confinada na cama durante quase três semanas. Elizabeth por sua vez, é contaminada e deve permanecer no seu quarto durante duas semanas. De qualquer maneira, o capitão O'Brien não poderia permitir que um passageiro doente embarcasse no seu navio, pois, nestas condições, os serviços de saúde não lhe autorizariam atracar nos diferentes portos. Elizabeth compreendeu a situação, porém, ficou desapontada quando soube da partida do navio. Contudo, ela manteve seu coração agradecido, confessando que Deus sempre derramou as suas bênçãos durante a viagem: “*desde o dia em que saímos de casa, não encontramos senão bondade*”<sup>73</sup>.

Nesta época, não era prudente para uma mulher viajar sozinha, isto foi um motivo de inquietação para a família Fillichi. Como Antônio Fillichi previa viajar para o Canadá e Nova Iorque para fazer negócios, ele procurou organizar a sua viagem de forma que coincidissem com a de Elizabeth e Anna Maria a fim de oferecer-lhes proteção. Assim, em 18 de abril de 1804, as duas Seton e Antônio embarcaram no *Pyamingo* com o capitão Blagge rumo à América. A frota da força naval britânica cercou o *Pyamingo* e os fuzileiros de dois navios britânicos embarcaram sob o pretexto de verificar se existia algo que pudesse ajudar o seu inimigo, o Império Francês de Napoleão. Elizabeth contou a Rebecca esta experiência: “*há dois dias sobre os quais nada escrevi, porém, não desejo esquecê-los: Um quando tínhamos uma vista dos grandes Alpes, que*

70 Ibid., p. 292.

71 Ibid., p. 278.

72 Doc. 2.12, diário destinado à Rebecca Seton, 5 de março de 1804, Tomo I, p. 293.

73 Ibid.

*separam a Itália da França; outro quando ficamos parados devido uma calma plana dos ventos, em frente a cidade de Valência, rodeados por todos os lados pela frota de Lord Nelson<sup>74</sup>. Fomos abordados pela Belle-Isle; e no dia anterior, havíamos sido parados pelo Excelente, com setenta e quatro canhões<sup>75</sup>.*

## Reunião

Em 4 de junho de 1804, Elizabeth estava de volta a Nova Iorque e seu coração já era católico. No cais, um grupo de pessoas, incluindo os seus filhos, a esperavam para acolhê-la. Elizabeth estava muito feliz em revê seus filhos e abraçá-los. Ao procurar com os olhos Rebecca Seton, ela descobriu que a sua "alma gêmea" estava doente de tuberculose e morrendo lentamente. Após um mês, Elizabeth assiste outro funeral da família Seton: o de Rebecca.

A família e os amigos de Elizabeth logo descobriram a sua atração pela religião católica. A rejeição da sua família a angustiou; contudo, ela nunca duvidou da misericórdia de Deus e foi apoiada e acompanhada pelos sacerdotes que lhe tinham sido recomendados pelos Filicchi.

Elizabeth partilhou com o primeiro Bispo de Baltimore, John Carroll: *"eu posso dizer estritamente...que refleti incessantemente, porque este tem sido o único e supremo desejo da minha alma: conhecer a verdade"*<sup>76</sup>. Ao mesmo tempo que Elizabeth lutava contra as dúvidas e os medos durante seu discernimento quanto ao desígnio de Deus, a Virgem Maria esclarecia a sua fé.

O pastor John H. Hobart se opõe com força a este interesse de Elizabeth pela fé católica. Entristecida por sua hostilidade pública, Elizabeth estudou livros sobre a história da Igreja, doutrina e assuntos religiosos, comparando o dogma católico com o da Igreja Episcopal. Seus amigos presbiteranos, quakers, metodistas e anabatistas convidaram Elizabeth a assistir aos cultos, mas ela recusou<sup>77</sup>.

## A conversão de Elizabeth

Na busca determinada pela verdade, Elizabeth vive num verdadeiro dilema: *"Uma fé, uma esperança, um só batismo...onde quer que isso esteja.*

74 A França e a Inglaterra estão em guerra e uma frota britânica, sob o comando do Almirante Horácio Nelson, percorre o Mediterrâneo.

75 Doc. 2.14, diário destinado à Rebecca Seton, 24 de abril de 1804, Tomo I, p. 302.

76 L. 3.6, Elizabeth Seton à Mgr. Carroll, [26 de julho de 1804], Tomo I, p. 315.

77 Doc. 3.31, diário destinado à Amábilia Filicchi, 19 de julho de 1804, Tomo I, p. 368

## Santa Elizabeth Ann Seton: a graça consoladora

*Penso muitas vezes que os meus pecados, as minhas misérias, colocam uma tela sobre a luz; no entanto, apegar-me-ei a Deus até o meu último suspiro, pedindo-lhe luz como uma mendiga, e não mudarei até a encontrar”<sup>78</sup>.*

*“Como se a verdade dependesse daqueles que nos cercam, ou do lugar onde nos encontramos! O que posso dizer é que quero e desejo firmemente adorar o nosso Deus na verdade...Pois, Ele sabe, que somente uma coisa move a minha alma: o desejo de agradá-Lo, e somente a Ele, de me aproximar Dele nesta vida, e na futura”<sup>79</sup>.*

Angustiada, Elizabeth dormia mal e “à meia noite frequentemente, sem conseguir dormir, em meio as lágrimas e aflições”, o seu cansaço se manifestou em seu corpo esquelético<sup>80</sup>. Exausta psicologicamente, após dez meses de difícil discernimento, Elizabeth recebeu a graça de resolver o seu conflito interior e de tomar a decisão que desejava. *“Mas, se deixei a casa como protestante, voltei, penso, como católica... com calma, num ato de abandono que fiz de tudo a Deus, numa confiança renovada a Santíssima Virgem, cujo olhar suave e pacificador me censurou pelos meus excessos imprudentes, lembrando-me que eu deveria voltar o meu coração para o alto, com melhores experiências”<sup>81</sup>.*

Consciente das suas obrigações maternas, Elizabeth afirma: *“...eu sou mãe, e deverei responder pelos meus filhos no dia do julgamento, seja qual for a fé que eu os conduzirei.... Sendo assim, irei pacífica e firmemente para a Igreja católica. Pois, se a fé é tão importante para a nossa salvação, quero procurá-la onde a verdadeira fé começou, quero procurá-la entre aqueles que a receberam do próprio Deus”<sup>82</sup>.*

*Em 14 de março de 1805, na presença do Padre Matthew O'Brien, Elizabeth fez oficialmente a sua profissão de fé católica, na Igreja de São Pedro, Barclay Street, Nova Iorque<sup>83</sup>. Após duas semanas, em 25 de março, ela fez a sua Primeira Comunhão como católica. Em 25 de maio de 1806, recebeu*

---

78 Ibid.

79 Ibid.

80 Ibid., p. 371; cf., Ibid, p. 372.

81 Ibid., p. 373.

82 Ibid., p. 374.

83 A correspondência mostra que Matignon e Carroll pensavam que Elizabeth fora batizada validamente na Igreja episcopal, embora não existe documentação, sem dúvida, devido ao incêndio em 1776 na Igreja da Trindade, onde era membro. Dom Samuel Provoost celebrou seu casamento em 1794. Um manuscrito com referência ao seu batismo foi encontrado entre as páginas do livro: “A imitação de Cristo”, por volta de 1936. Esta descoberta abriu o caminho para a causa de beatificação.

*o sacramento da Crisma pelas mãos do Bispo Jonh Carroll, e neste dia ela acrescentou “Maria” aos seus dois nomes. A partir daí, assinou as suas cartas “MEAS”<sup>84</sup> e explicou que tinha “acrescentado aos [seus] nomes Elizabeth Ann o de Maria”. Estes três nomes, assim unidos, despertam os pensamentos mais encorajadores, e são como o resumo dos mistérios da nossa salvação”<sup>85</sup>.*

*Elizabeth estava convicta de que o seu primeiro dever era o da sua vocação de mãe e que Deus lhe conduziria na educação dos seus cinco “tesouros”. Para ganhar a vida, ela conseguiu uma promessa de emprego como professora na escola do Sr. e da Sra. White durante o ano letivo de 1805-1806. Porém, em 28 de agosto, alguns dias antes do início das aulas, o Sr. White informa a Elizabeth que a escola estava falida e iria fechar.*

Em novembro de 1805, o pastor William Harris contratou Elizabeth como responsável de um pensionato para rapazes, estudantes da Escola Episcopal São Marcos. Durante mais ou menos dois anos Elizabeth assegurou este serviço até o dia em que, após uma decisão disciplinar, numerosos pais insatisfeitos, retiraram seus filhos do pensionato.

### **“Ephata”**

Após passar por adversidades, Elizabeth iniciou um caminho espiritual, ultrapassou barreiras de situações que mudaram a sua vida e avançou no seguimento da "sua estrela" como católica<sup>86</sup>. Elizabeth procurou *“tempos regulares de comunhão com Deus e de afastamento do tumulto do mundo... [desejando] fazer apenas o que estava dentro do espírito de obediência a Deus e da realização do que lhe agrada”<sup>87</sup>. Este foi “o segredo”* que permitiu Elizabeth *“encontrar Deus em tudo e em todas as coisas”*. A sua maneira de encontrar Deus é, para nós, uma bela imagem da palavra “Ephata”<sup>88</sup>.

Irmã Betty Ann McNEIL

Filha da Caridade

84 MEAS: do inglês: Mary Elizabeth Ann Seton

85 L. 4.19, a Antônio Filicchi, em 28 de maio de 1806, Tomo I, p. 408.

86 Doc. 3.31, diário destinado à Amabilia Filicchi, 19 de julho de 1804 [entrada de janeiro de 1805], Tomo I, p. 372.

87 Doc. 8.26, Pyamingo Reflexões, Tomo IIIa, p. 191.

88 Ibid., cf. Marcos 7, 34.

## São Vicente de Paulo e São José

### 1. Devoção de São Vicente de Paulo a São José

São Vicente de Paulo é, sobretudo, conhecido por suas obras e como o campeão da caridade, até as publicações recentes, dão-lhes um especial destaque. Porém, além do seu amor pelos pobres e por Nosso Senhor Jesus Cristo, quem conhece seu trabalho junto ao clero, seu culto a Santíssima Trindade e a Santa Eucaristia, e a sua devoção a Santíssima Virgem?

É preciso dizer que ignoramos o fato de que ele também amava São José. Devemos reconhecer que São Vicente falava pouco de São José naquilo que restou das suas palavras e escritos (Durante a revolução a maioria das cartas foram saqueadas permanecendo apenas um décimo delas e quanto as conferências aos missionários somente um décimo foram registradas, pois uma grande parte foi igualmente saqueada durante a Revolução; mas as que foram conservadas ainda formam catorze volumes...).

Gostaríamos simplesmente de fazer-lhes conhecer estes poucos vestígios da devoção de São Vicente a São José.

Em sua segunda biografia, Pierre Collet, que teve a oportunidade de ter ainda nas mãos todos os documentos, pôde escrever em 1748, (“a vida de Vicente de Paulo”, Tomo II, p. 143)

*“Sua afeição por São José era bastante semelhante a que Santa Teresa tinha por este digno Esposo da Mãe de Deus”.*

São Vicente nos deu São José como Patrono dos Seminários internos.

A fórmula “*Seminários Internos*” refere-se tanto ao noviciado dos missionários como das Filhas da Caridade. O Padre Vicente desejou que aquele que presidiu a formação de Jesus, presidisse também a formação de Jesus nas almas dos seus servos e servas.

Primeiramente encontramos ela incluída na devoção a Sagrada Família. Ela não está indicada como tal nas Regras comuns, nem em outros documentos. Mas, antes de tudo, está envolvida na devoção de São Vicente à Sagrada Família.

A devoção a Sagrada Família faz parte do espírito dos Padres da Conferência das terças-feiras:

*“A Companhia dos senhores eclesiásticos que se reúnem todas as terças-feiras em São Lázaro ou, no Seminário da Congregação da Missão [Colégio dos Bons-enfants], tem por objetivo honrar a vida de Nosso Senhor Jesus Cristo; seu Sacerdote eterno, sua Sagrada Família e seu amor para com os pobres (Regulamento, Coste XIII, 128).*

Esta devoção, também faz parte do espírito da Congregação da Missão. A Sagrada Família encontra-se apenas nas Regras comuns, mas num bom lugar: em baixo da composição do frontispício, (ilustração decorativa que antecede a página do título de um livro) correspondente a Santíssima Trindade. Encontramos as três pessoas da Sagrada Família nomeadas no final de uma carta antes de 1634, na qual Vicente pede uma renúncia a Luísa de Marillac:

*“Enfim, ganhareis com isso, se o fizerdes, porque Nosso Senhor Jesus Cristo o quer assim. No seu amor e no de sua Santa Mãe e de São José, sou vosso muito humilde servo” (SV I, 170).*

Encontramos também a sua própria devoção a São José. Embora, o lugar de São José não seja central na vida de São Vicente, nas suas correspondências e conferências identificamos a marca da sua afeição para com ele, juntamente com alguns outros santos.

São Vicente propõe esta devoção e também de outros santos às Filhas da Caridade. Assim sendo, cita no regulamento das Irmãs do hospital de Angers, em 1641:

*“E para que Deus tenha por bem conceder-lhe a graça de cumprirem todas essas coisas, lha pedirão com frequência, confessar-se-ão e comungarão*

## São Vicente de Paulo e São José

*nesta intenção, andarão na presença de Deus; tomarão como padroeiros e intercessores diante de Deus, a Santíssima Virgem, São José, São Luís, Santa Genoveva, Santa Margarida, rainha, São João Evangelista, patrono do hospital” (Documentos nº 270, p. 286).*

Ele a recomenda aos missionários, no final da repetição de uma oração sobre a castidade, depois de ter invocado o exemplo dos primeiros Jesuítas, em 30 de julho de 1655.

*“[...]Jo meio dos meios é recorrer frequentemente a Nosso Senhor, em toda ocasião e em toda hora. Recorrer a Nosso Senhor com grande devoção à sua pureza e à da Santíssima Virgem. Peçamos-lhe essa graça. O coração me diz que, se recorremos a Ele com instância para este fim, Ele nos fará misericórdia. [...] É o que pediremos, por obséquio, a Deus pela intercessão de Maria Santíssima, de São José, de nossos bons anjos, de São Pedro e de Santo Inácio” (SV XI, 217-218).*

São Vicente inculcou, também, esta devoção, entre outras, aos seus dirigidos, assim como a este homem de qualidade, no qual o primeiro biógrafo do Padre Vicente, Louis Abelly, conseguiu copiar o programa de vida escrito por São Vicente e publicá-lo na sua biografia (Livro III, cap. VIII, p. 71).

*“Ao levantar-me, adorarei a majestade de Deus e darei graças pela glória que ele possui, pela glória que deu ao seu Filho, à Santíssima Virgem, aos santos anjos, ao meu anjo da guarda, a São João Batista, aos apóstolos, a São José e a todos os santos e santas do paraíso; eu os agradecerei também pelas bênçãos que concedeu à santa Igreja e, em particular, por aquelas que recebi Dele” (Coste XIII, 143).*

Os discípulos do Padre Vicente herdaram esta confiança em São José.

Vejamos um exemplo disto no longo relatório do missionário Nicolas Étienne, em março de 1661, sobre a sua navegação para Madagascar, interrompida por um naufrágio, no Cabo da Boa Esperança:

*“No dia de São José, um dos nossos marinheiros caiu no mar; mas, seja pela intercessão a este grande Santo, ou por ter feito as suas devoções alguns dias antes, Deus o salvou preservando-o das ondas...” (Coste VIII, 481)*

## 2. Retrato de São José

### a - Características de sua vida

O Padre Vicente meditava constantemente sobre a vida e os estados interiores de Jesus; é nesta ocasião que ele invoca também a vida da Santíssima Virgem e de São José. Ele escreveu, por exemplo a senhorita Champagne, noviça na Abadia de Notre-Dame de Sézanne, em 25 de junho de 1658:

*“Peço-vos, Senhorita, considereis um pouco o Filho de Deus, que veio ao mundo, não só para nos salvar pela sua morte, mas para se submeter a todas as vontades do seu Pai e atrair-nos para si pelo exemplo de sua vida. Ele ainda estava no ventre da sua mãe, quando foi obrigado a obedecer a um edito do imperador. Nasceu fora do seu país, em uma época rude e em extrema pobreza. Pouco tempo depois, foi perseguido por Herodes e teve que fugir; sofrendo assim os desconfortos próprios do exílio, compadecendo-se com os da Santíssima Virgem e de São José, que suportaram muitas aflições por sua causa. Quando regressou a Nazaré crescendo e obedecendo aos seus pais e às regras de uma vida oculta, para servir de modelo às almas religiosas que, tendo abraçado uma vida semelhante, devem submeter-se aos seus superiores e às observâncias do seu estado. Sem dúvida pensava em vós e que no desígnio eterno tinha de salvar-vos através do retiro absoluto que começastes” (Coste VII, 187).*

Aos missionários, a repetição da oração de 11 de novembro de 1656, evoca as alternâncias de fervor e aridez, mostrando que o próprio Jesus tinha conhecido as vicissitudes na sua vida terrena. São Vicente menciona São José ocasionalmente, no entanto, percebe-se que ele não o separava da sua contemplação de Jesus:

*“Vemos que, em seu nascimento, os anjos e os pastores vêm adorá-lo e regozijar-se [alegrando-se juntos] com o seu nascimento e tributar-lhe as devidas honras. Em seguida, vemo-lo constrangido, se assim se pode dizer, a fugir para um reino estrangeiro, a fim de evitar a perseguição de Herodes. Morto Herodes, ei-lo que volta. Vai ao templo e lá se mostra entre os doutores como um menino muito inteligente. Do estado de admiração, que dele tinham todos os que o viam e ouviam falar, passa a um outro estado. Com efeito, a Santíssima Virgem e São José voltaram para casa, mas ele permaneceu sozinho no templo, como um pobre despojado de todo socorro” (SV XI, 375).*

**b - São José modelo de trabalhador como Jesus**

Tornou-se um tema clássico, desde que São José foi declarado patrono dos trabalhadores. Encontramo-nos pelo menos uma vez nas conversas de São Vicente, e na boca das Irmãs, o que mostra que ele soube comunicar a contemplação da Sagrada Família.

No início da conferência às Filhas da Caridade sobre o amor ao trabalho, em 28 de novembro de 1649, são as Irmãs que expressam: *“uma razão pela qual devemos trabalhar para ganhar uma parte da nossa vida, é que a nossa vocação tem a honra de imitar a vida gloriosa do Filho de Deus e por consequência, visto que Ele trabalhou com São José e com sua Santa Mãe para ganhar a sua vida, devemos nós também fazer o mesmo”* [...] (p.318).

Uma outra Irmã disse: *“Meu Pai, pensei que uma das razões, para nos ocuparmos em ganhar uma parte da nossa vida, é que assim imitamos Nosso Senhor, Sua Santa Mãe e São José que trabalharam durante toda a sua vida”* (SV, conf. de 28 de novembro de 1649, p. 318).

**c - São Vicente contempla particularmente a relação entre Jesus, a santíssima Virgem e São José**

*\* Jesus submeteu-se a ele*

Em suas conferências sobre a vocação e a obediência, o Padre Vicente evoca a obediência do Filho de Deus. Por exemplo, às Filhas da Caridade em 05 de julho de 1640, sobre a vocação:

*“Para serdes verdadeiras Filhas da Caridade, deveis fazer o que fez o Filho de Deus na terra. E o que fez Ele principalmente? Depois de haver submetido a Sua vontade, obedecendo à Santíssima Virgem e a São José, trabalhou constantemente pelo próximo, visitando e curando os doentes e instruindo os ignorantes, quanto a sua salvação. Como sois felizes, minhas Filhas, por terdes sido chamadas a um estado tão agradável a Deus!”* (p. 10).

Às Filhas da Caridade, em 23 de maio de 1655 sobre a obediência:

*“O segundo meio, é (considerar) [...] como Nosso Senhor fazia, e perguntar-lhe: “O que! Senhor, não fazíeis Vós nada, sem obediência?”*

*Ecoss da Companhia*

*Quando querieis fazer alguma coisa pedieis para isso licença a Vossa Mãe e a São José?” Responder-vos-á que sim, e com estas considerações animar-vos-eis a obedecer” (p. 521).*

Falando sobre a disponibilidade com as Filhas da Caridade, em 17 de junho de 1657, surge a desculpa que as Irmãs mais velhas podem avançar por terem mais liberdade do que as mais jovens:

*“As Irmãs antigas estão obrigadas a maior virtude do que as que chegaram depois delas. Deus não só exige maior perfeição a uma Irmã antiga, senão que, à medida que adianta na idade, está mais obrigada à perfeição.*

*Como sabeis, eu tenho já setenta e sete anos, tenho por isso maior obrigação de ser mais perfeito do que o que tem sessenta. Quanto mais viver, tanto mais obrigação tenho de imitar a perfeição daquele que nunca fez a Sua Vontade, mas sempre foi obediente a Santíssima Virgem e a São José durante a Sua infância e vida oculta, e aos juizes, ainda que maus, na sua paixão.*

*Assim, pois, minhas Irmãs, não creio que exista causa para omitir este exercício, nem com saúde, nem na doença, porque em qualquer estado, podeis ter esta conformidade com a vontade de Deus” (p. 646).*

Ele terminará esta mesma conferência com uma oração:

*“Salvador da minha alma! Concedei-nos a graça de nos emendarmos de todas estas faltas e de voltarmos a estas práticas. Salvador da minha alma, que sois a própria caridade e Pai das Filhas da Caridade, que nunca fizestes a vossa vontade, mas só a do vosso Pai e voluntariamente vos submetestes a vossa Santíssima Mãe e a São José, vosso pai adotivo; concedei-me a graça de não querer senão a vontade de Deus, porque nisto consiste a verdadeira felicidade. Obtende-nos que comecemos hoje mesmo, essa vida bem-aventurada, que os Santos gozam no céu e que consiste em não ter outra vontade senão a de Deus” (SV, conf. 17 de junho de 1657, p. 648).*

Em 13 de outubro de 1658, ele explica às Filhas da Caridade, como aquelas que não sabem ler podem fazer oração:

*“Como poderão fazer, pobres Filhas da Caridade, que são do campo e que não sabem ler? Minhas Irmãs, a Regra diz-vos que sendo assim, podeis meditar nos mistérios da vida de Nosso Senhor, na sua encarnação, no seu*

## São Vicente de Paulo e São José

*nascimento, na sua vida em Nazaré, como obediência a sua Santa Mãe e a São José e enfim nas outras passagens da vida do Filho de Deus, desde o seu nascimento até a sua morte; e depois como subiu ao céu” (p. 824).*

Ele fala da mesma maneira aos missionários, em 19 de dezembro de 1659:

*“Quanto a primeira razão que temos de nos dar a Deus para que nos conceda essa virtude da obediência, nós a temos no que diz a regra, a saber, o exemplo a nós deixado pelo Filho de Deus e o que Ele fez em toda a sua vida, que não foi senão um tecido de obediência”.*

*“É preciso que exista algo de grande e divino nessa virtude, pois tanto a amou Jesus Cristo, desde o seu nascimento até a morte, fazendo todos os atos de sua vida por obediência. Obedeceu a Deus seu Pai, que queria que ele se fizesse homem. Obedeceu a sua Mãe, a São José, seu pai nutrício, e permaneceu obediente a eles (Lc 2,51), e a todos constituídos em dignidade, bons ou maus, e tão bem que todas as ações de sua vida não foram mais do que uma teia de obediência. Começou a vida por ela, tornando-se obediente até a morte, e morte na cruz (Fl 2,8). Por isso, seu Pai muito o considerou, exaltou e elevou” (SV XII, 434-435).*

\* São José e a Santíssima Virgem imitaram Jesus

Em 2 de maio de 1659, falando aos missionários sobre a mortificação, o Padre Vicente evoca o preceito de Jesus para deixar os pais, caso estes se oponham ao nosso desejo de nos entregarmos a Deus. Segundo a sua prática (sem dúvida, retirada dos métodos de discussão escolástica aprendidos na faculdade de Toulouse), ele propõe uma objeção, depois responde-lhe, pintando um quadro espiritual dos pais de Jesus:

*“- Mas, Senhor Padre, Jesus Cristo não fez assim. Permaneceu sempre com José e com a Santíssima Virgem. Tinha sempre ligação com os seus pais.*

*- Sim, mas esses santos pais tinham sempre o seu entendimento e seus desejos submissos ao divino Filho. A Ele eram semelhantes em suas ações e afetos, pelo poder da sabedoria adorável e da vontade eterna de seu Pai, que o estabelecera como diretor e guia de São José e da Santíssima Virgem” (SV XII, 219-220).*

### 3. Nossa relação com São José

São Vicente pode ainda nos guiar na nossa vida de relação, não somente com Deus, com a Santíssima Trindade, com Jesus, com a Santíssima Virgem, mais também com São José.

Esta relação é alimentada pela imitação de suas virtudes que se frutifica na oração.

#### *Imitação das suas virtudes*

Ele a recomenda à Luísa de Marillac, antes de 1634, sobre um ponto preciso: *“Este bilhete tem três finalidades: [...]”*

*“A terceira finalidade é a prece que vos faço de não ir hoje aos pobres e assim honreis o não-fazer do Filho de Deus, e o de São José, o qual, tendo o poder do céu e da terra sob sua conduta e sob seu poder, quis, entretanto, parecer destituído de poder.*

*Enviei em vosso lugar a Madame Richard. Talvez Deus lhe comunique então alguma graça de que ela precisa. Quanto a vós, vos comunique Ele a graça de algum grau de humildade, de compaixão para com os enfermos e de conhecimento de vós mesma e da vossa impotência de tender para onde vosso fervor vos leva a desejar.*

*Enfim, ganhareis com isso, se o fizerdes, porque Nosso Senhor o quer assim. No seu amor e no de sua Santa Mãe e de São José, sou vosso muito humilde servo”* (SV I, 170). (Já citamos a última frase no início destas páginas).

Ainda em 1658, em 21 de julho, ele retoma este assunto em forma de oração, no final de uma conferência sobre a fidelidade às Regras:

*“Oh! Senhor! Que fundastes esta humilde Companhia, composta de pobres jovens, vós que quisestes nascer de uma pobre donzela, ainda que de família real, e a vossa vontade é que façam como fez o vosso pai São José, desejais que façam o que Vós e a vossa Mãe fizeram sobre a terra; vos suplicamos, Senhor, concedais a graça a esta Companhia de jovens*

## São Vicente de Paulo e São José

*que, no momento em que receberem a bênção, se sintam eficazmente inclinadas a praticar as suas Regras” (p. 807).*

### *A oração*

São Vicente certamente rezou a São José, porém não dispomos destes textos.

Por outro lado, ainda temos alguns textos nos quais ele encoraja tanto aos seus coirmãos, quanto a nós a recorrer a São José na confiança de que, mesmo sem obter o que pedimos, ele concederá outras graças, para nós ou para outras pessoas, embora não estejamos conscientes delas.

Com efeito, São Vicente ensina-nos a rezar, não primeiramente por nós mesmos, mas, pela salvação do próximo, pelo bem dos pobres e pelo Reino de Deus.

Em 9 de janeiro de 1654, o Padre Vicente encorajou Louis Rivet, Superior em Saintes, a recorrer a São José, em uma carta resumida por Pierre Collet na “Vida de São Vicente”:

*“Ele compromete o superior de Saintes que lhe fizesse um voto de alcançar de Deus, através do seu intermédio, o êxito em um assunto relacionado à salvação do próximo” (Collet II, 143; Coste V, 62).*

Com os missionários de Gênova, encontramos uma nova orientação de oração a São José: obter vocações.

A Carlos Ozenne, Superior em Varsóvia em 20 de março de 1654:

*“[...] Em Gênova, quase todos os membros da casa foram afetados, de uma forma ou de outra; mas agora estão melhores, embora alguns não estejam completamente recuperados. Eles vão recomeçar um seminário interno e continuar uma devoção que tinham iniciado, e nós com eles, para pedir a Deus, pelos méritos e as orações de São José, cuja festa celebramos ontem, que envie bons operários à Companhia para trabalhar na sua vinha. Jamais sentimos tanta necessidade deles quanto agora*

*porque vários cardeais e bispos da Itália nos pressionam para enviar-lhes missionários” (Coste V, 102).*

Pierre Collet, nas páginas 143-144 do tomo II da “Vida de Vicente de Paulo”, faz relação a uma carta de 14 de agosto de 1654 ao Superior de Gênova:

*“Ele felicitou o Superior geral de Gênova por ter recorrido à mediação deste glorioso Patriarca para encontrar trabalhadores capazes de cultivar a vinha do Senhor.*

*Ele o aconselhou celebrar ou mandar celebrar, durante seis meses, uma Missa, numa capela dedicada ao Santo; desejou que nas suas expedições apostólicas conduzissem o povo "a ter devoção e confiança" neste fiel guardião "da Mãe Imaculada" de Jesus. Essas são as suas palavras”.*

Em 12 de novembro de 1655, o Padre Vicente declara a Étienne Blatiron, Superior dos missionários de Gênova, que demorou muito tempo para descobrir, não a devoção a São José, mas o impulso de rezar pedindo por vocações:

*“Dou graças a Deus pelos atos extraordinários de devoção que vós vos proponhais em fazer para pedir a Deus, por intercessão de São José, a propagação da Companhia. Rogo a sua divina bondade que os aceite favoravelmente.*

*Há mais de vinte anos que não ousou pedir isto a Deus, estimando que, sendo a Congregação sua obra, era preciso deixar somente à sua providência o cuidado de sua conservação e do seu crescimento, mas, de tanto pensar na recomendação que nos é feita no Evangelho, para pedir-lhe que envie operários à sua messe, convenci-me da importância e da utilidade destes atos de devoção” (Coste V, 462).*

### São Vicente de Paulo e São José

A Jacques Pesnelle, Superior dos missionários de Gênova, em 23 de maio de 1659:

*“Muito me consola a devoção que tendes em honra a São José para obter de Deus bons missionários”* (Coste VII, 566).

Neste tempo em que a escassez de sacerdotes e religiosas torna-se catastrófica, possamos ter a preocupação de pedir a Deus através de São José, santos padres e santas religiosas, em vista do bem dos pobres e da glória de Deus.

Padre Bernard KOCH, CM